



II Encontro das Licenciaturas do Campus Professor Barros Araújo



30 e 31 de janeiro



Auditório do Campus
Professor Barros Araújo



Org. Cursos de Licenciatura da UESPI
Campus Professor Barros Araújo

Apoio: UESPI e Coordenações dos Cursos



Daniela Correia Grangeiro
Emanoel Pedro Martins Gomes
Nélida Amorim da Silva
(ORGANIZADORES)



LIVRO DE ANAIS DO II ENCONTRO DAS
LICENCIATURAS DO CAMPUS PROFESSOR
BARROS ARAÚJO

II Encontro das Licenciaturas do Campus Professor Barros Araújo – 2023

TEMA:
Compartilhando experiências com PIBID e Residência Pedagógica

PROMOÇÃO E REALIZAÇÃO:
Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Curso de Licenciatura em Educação Física e Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Piauí - Campus Professor Barros Araújo

DATA E LOCAL
30 a 31 de janeiro de 2023
Campus Professor Barros Araújo da Universidade Estadual do Piauí, Picos-PI



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu
Vice-Reitor

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Josiane Silva Araújo
Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

Rauirys Alencar de Oliveira
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires
Pró-Reitora de Administração

Rosineide Candeia de Araújo
Pró-Reitora Adj. de Administração

Lucídio Beserra Primo
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Ivoneide Pereira de Alencar
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Marcelo de Sousa Neto
Editor da Universidade Estadual do Piauí



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI**



Rafael Tajra Fonteles **Governador do Estado**
Themístocles de Sampaio Pereira Filho **Vice-Governador do Estado**
Evandro Alberto de Sousa **Reitor**
Jesus Antônio de Carvalho Abreu **Vice-Reitor**
Administração Superior

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil **Pró-Reitora de Ensino de Graduação**
Josiane Silva Araújo **Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação**
Rauirys Alencar de Oliveira **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**
Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires **Pró-Reitora de Administração**
Rosineide Candeia de Araújo **Pró-Reitora Adj. de Administração**
Lucídio Beserra Primo **Pró-Reitor de Planejamento e Finanças**
Joseane de Carvalho Leão **Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças**
Ivoneide Pereira de Alencar **Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários**

Marcelo de Sousa Neto Editor
Organizadores **Projeto Gráfico / Diagramação**
Organizadores **Revisão**
Editora e Gráfica UESPI E-book

Endereço eletrônico da publicação: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/285>

E56a Encontro das Licenciaturas do Campus Professor Barros Araújo (2. : 2023 : Picos, PI) . Anais do II Encontro das Licenciaturas do Campus Professor Barros Araújo [recurso eletrônico], realizado de 30 a 31 de janeiro de 2023 em Picos-PI / Organizado por Daniela Correia Grangeiro, Emanoel Pedro Martins Gomes e Nélida Amorim Da Silva. - Teresina: FUESPI, 2025.

e-book.

ISBN: 978-85-8320-285-1

1. Residência Pedagógica. 2. PIBID. 3. Formação Docente. 4. Licenciaturas. I. Grangeiro, Daniela Correia (Org.) . II. Gomes, Emanoel Pedro Martins (Org.) . III. Silva Nélida Amorim Da (Org.). IV. Título.

CDD 370

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
ANA ANGELICA PEREIRA TEIXEIRA (Bibliotecário) CRB-3^a/1217

Profa. Mariluska Macêdo Lobo de Deus Oliveira
DIREÇÃO DO CAMPUS

Profa. Daniela Correia Grangeiro

Profa. Nélida Amorim da Silva

COORDENAÇÃO GERAL DO EVENTO

Prof. Emanoel Pedro Martins Gomes

Discentes:

Maria Eduarda Nunes de Oliveira

Luana dos Santos Gonçalves

COMISSÃO INSCRIÇÕES

Profa. Daniela Correia Grangeiro

Profa. Edênia Raquel Barros Bezerra de Moura

Profa. Mara Danielle Silva do Carmo

Prof. Fábio José Vieira

Profa. Márcia Barbosa de Moura

Profa. Maria do Carmo Martins Lopes

Profa. Margareth Valdivino da Luz Carvalho

Profa. Nélida Amorim da Silva

Profa. Patrícia Ribeiro Vicente

Profa. Renata Louise Ferreira Lemos

COMISSÃO CIENTÍFICA

Profa. Mara Danielle Silva do Carmo

Discentes:

Maria Gabriela Alves dos Santos

Sarah Williany Santos Pereira

Eleonária Holanda Santos

Matheus Leal Barroso

COMISSÃO SITE E MÍDIAS SOCIAIS

Profa. Márcia Barbosa de Moura
Profa. Margareth Valdivino da Luz Carvalho
Discentes:

Rita de Cássia Abreu de Almeida

Raquel Rocha de Moura

Sueny Barbosa de Araújo Galvão

João Carlos Martins Bezerra

Antônio Vinicius da Silva Nascimento

COMISSÃO CERIMONIAL

Profa. Edênia Raquel Barros Bezerra de Moura

Profa. Renata Louise Ferreira Lemos

Discentes:

Raul Oliveira Guimarães

Ana Lúcia Rodrigues Silva

Luana Dantas Lima

Vanessa de Sá Sousa

Gislayne Araújo Luz

COMISSÃO COFFEE BREAK

Discentes:

Raul Oliveira Guimarães

Profa. Nélida Amorim da Silva

COMISSÃO CERTIFICADOS

APRESENTAÇÃO

O II Encontro das Licenciaturas do Campus Professor Barros Araújo, realizado em janeiro de 2023, representa mais do que a reunião de trabalhos acadêmicos: constitui-se em um espaço de diálogo, reflexão e fortalecimento da identidade docente em formação. Este livro de anais consolida parte significativa do esforço coletivo empreendido por professores, estudantes e comunidade acadêmica da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), que se reuniram em torno do tema “Compartilhando experiências com PIBID e Residência Pedagógica”, revelando práticas, desafios e conquistas de uma trajetória que ultrapassa os limites da sala de aula.

A leitura deste volume permite reconhecer a pluralidade de experiências que caracterizam as licenciaturas, organizadas aqui em três eixos centrais – Ciências Biológicas, Educação Física e Letras – nos quais se inscrevem trabalhos que tratam desde metodologias inovadoras no ensino de Ciências, práticas corporais e lúdicas no contexto escolar, até reflexões sobre o estágio supervisionado e o ensino de Língua Portuguesa. Em cada relato, observa-se a materialização de uma formação inicial que não se restringe ao cumprimento de currículos, mas que se alimenta da vivência prática, da criatividade e do compromisso social que orientam o exercício da docência.

No conjunto dos textos, sobressai a importância da articulação entre universidade e escola básica. Ao compartilhar os resultados de projetos desenvolvidos em escolas públicas de Picos e municípios circunvizinhos, os trabalhos reafirmam a centralidade de programas como o PIBID e a Residência Pedagógica na consolidação de uma formação crítica e comprometida com a realidade educacional. Não se trata apenas de experimentação metodológica: os relatos revelam a dimensão transformadora do ato de ensinar, tanto para os alunos da educação básica quanto para os licenciandos, que se descobrem protagonistas de seu próprio processo formativo.

Mais do que registrar experiências, esta obra projeta horizontes. Ao reunir contribuições diversas, evidencia que a docência, mesmo permeada por desafios, é um espaço de construção coletiva, de afetos e de responsabilidades partilhadas. Que os trabalhos aqui publicados inspirem novas práticas alimentem debates e fortaleçam a compreensão de que formar professores é também formar sujeitos capazes de intervir criticamente na sociedade.

Assim, o presente livro de anais cumpre a função essencial de memória acadêmica e pedagógica, registrando a vitalidade das licenciaturas e reafirmando o papel da universidade pública como espaço de produção de saberes, de inclusão social e de compromisso com a transformação da realidade educacional do Piauí.

Prof. Dr. Fábio José Vieira

**Professor e Coordenador do curso de Ciências
Biológicas da Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Campus Professor Barros Araújo**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
Prof. Dr. Fábio José Vieira	

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ESTUDO DE CASO: PERGUNTAS EM AULA DE CIÊNCIAS NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Amanda de Oliveira Moura¹

Maria Clara Teixeira Simão¹

Marcos Henrique da Silva Bezerra²

Maria Pérola dos Santos Martins¹

Raquel Leal Bento¹

Mara Danielle Silva do Carmo³

ESTUDOS DE INTERAÇÃO VERBAL PROFESSOR - ALUNO EM AULA DE CIÊNCIAS NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Paloma Fontes da Silva¹

Ruan Victor Barbosa de Carvalho²

Kelson José da Silva Moraes²

Maria Kailly do Nascimento Moura¹

Adriene de Sousa Santos¹

Mara Danielle Silva do Carmo³

UTILIZAÇÃO DE EXPERIMENTOS NO ENSINO DE ÓPTICA EM TURMA DO 9º ANO

Isabel Cristina Pereira da Silva¹

Ediele Oliveira De Sousa Moura¹

Umbelina Rodrigues Gonçalves¹

Daniela Correia Grangeiro²

A APLICAÇÃO DE DINÂMICAS NO ENSINO DE EVOLUÇÃO DOS SERES VIVOS EM TURMA DO 9º ANO

Marcos Antônio de Sousa Silva¹

Ivan Egídio de Moura Fé¹

Bárbara Marina da Silva Oliveira²

Raimundo Nonato Sousa Neto¹

Daniela Correia Grangeiro³

EDUCAÇÃO FÍSICA

DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DA DANÇA E (RE)CONHECIMENTO CORPORAL

Ana Lúcia Rodrigues Silva¹

Luan Gonçalves dos Santos²

Lorena Vieira de Alencar¹
Raul Oliveira Guimarães²
Luana Dantas Lima¹
Daiane Rodrigues Santos¹
Nélida Amorim da Silva³

JOGOS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS SINÔNIMO DE DIVERSÃO E APRENDIZADO

André Carlos Xavier de Lima¹
Ane Karine de Sousa²
Carlos Chayde Cardoso Carvalho¹
Mateus Rodrigues de Sousa¹
Patrícia Ribeiro Vicente³

LUTAS: O MUAY THAI NO AMBIENTE ESCOLAR

Carolinny Ramilly de Moura Silva¹
Letícia de Sousa Luz¹
Lucas Araújo Bastos Oliveira²
Maura Isabel de Lima Luz¹
Pablo Costa Araújo²
Renata Louise Ferreira Lemos³

ABORDAGEM INICIAL DE ESPORTES DE INVASÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DO SEMIÁRIDO PIAUENSE

Francisco de Assis Santos Leal¹
Fabiana Barbosa Dantas¹ *Gislayne Araújo Luz²*
Cristiano Tales de Abreu¹
Vanessa de Sá e Sousa²
Renata Louise Ferreira Lemos³

BRINCANDO E APRENDENDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Aparecida Camila Silva Andrade¹
Erivan Pedro de Lima Filho²
Gabriel José de Araújo Carvalho²
Hellen Caroline Borges de Sousa¹
Patrícia Ribeiro Vicente³

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

Eveline de Aguiar Orquiz¹
João Paulo Batista de Carvalho²
Maria Juliana Nogueira Leal¹
Victor Henrique Macedo Toledo²
Nélida Amorim da Silva³
Patrícia Ribeiro Vicente⁴

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

José Eduardo dos Martírios Luz¹
Marina Gonçalves Leal²

Paloma Mendes de Araújo Silva Borges²

Nélida Amorim da Silva³

Patrícia Ribeiro Vicente⁴

PROJETO PEDAGÓGICO II INFANTIL – O LÚDICO ATRAVÉS DA PINTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Éber José de Sousa Soares¹

Eduardo Henrique de Freitas Sousa¹

Elba Amanda Leal Sousa²

João Felipe Soares Pinheiro¹

João Francisco Sousa de Sene¹

Luana Barros Silva²

Nélida Amorim da Silva³

ESTÁGIO SUPERVISIONADO III EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Airton Junior Santos Sousa¹

Ana Luiza Gonçalves de Sousa²

Daline Gonçalves da Silva²

Henrique Dantas Santos¹

Nélida Amorim da Silva³

Patrícia Ribeiro Vicente⁴

LETRAS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA 5^a, 6^a E 7^a ETAPAS DA EJA

Eleonaria Holanda Santos¹

Jocilady Maria da Silva Clementino¹

Maria Natalice de Sousa Rocha¹

Maria do Carmo Martins Lopes²

INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM TORNO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

Matheus Leal Barroso¹

Maria do Carmo Martins Lopes²

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA EM DIÁLOGO COM AS NOVAS TECNOLOGIAS

Lara Oliveira Pereira¹

Laura Lopes Rodrigues¹

Maria Bárbara de Araújo Santos¹

Maria Regina de Andrade Cruz¹

Mayara Francisca Oliveira da Silva¹

Talita Barros²

**RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS – IV E V ETAPAS
DA EJA**

Alice Correa da Silva¹

Leticia de Moura Silva¹

Maria do Carmo Martins Lopes²

**RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS – VI E VII
ETAPAS DA EJA**

Ivonete Dantas da Silva¹

Marciana de Sousa Gonçalves¹

Suelaine dos Santos Moura¹

Maria do Carmo Martins Lopes²

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

Maria Gabriela Alves dos Santos¹

Sarah Williany Santos Pereira¹

Maria do Carmo Martins Lopes²

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: UM RELATO SOBRE A VIVÊNCIA PEDAGÓGICA
E OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EJA**

Josevan de Sousa Marques¹

Paulo Guilherme Sales Sousa¹

Maria do Carmo Martins Lopes²

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA

Vanessa da Costa Oliveira¹

Maria do Carmo Martins Lopes²

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA: DIÁLOGO COM NOVAS
METODOLOGIAS**

Camila Andrade de Sousa¹

Lizandra Cortez Martins¹

Talita Barros²

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ESTUDOS DE INTERAÇÃO VERBAL PROFESSOR-ALUNO EM AULA DE CIÊNCIAS NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



Paloma Fontes da Silva¹
Ruan Victor Barbosa de Carvalho²
Kelson José da Silva Moraes²
Maria Kailly do Nascimento Moura¹
Adriene de Sousa Santos¹
Mara Danielle Silva do Carmo³

RESUMO EXPANDIDO:

Este trabalho objetivou descrever e refletir sobre as relações de interação verbal professor-aluno de forma qualitativo-quantitativa a fim de identificar como o comportamento de ambas as partes influencia de alguma maneira no desenvolvimento intelectual dos alunos, uma vez que a interação verbal tem uma relação direta com o ato de aprender. Para tal, foi realizada a observação em uma aula de Ciências, em escola da cidade do Ipiranga do Piauí, em uma turma de 7º ano do ensino fundamental, cujo tema da aula foi “Classificação dos peixes, aves, répteis e mamíferos”. Através do sistema de observação em sala de aula de Flanders (1967), foi possível realizar análises qualitativas e quantitativas das participações predominantes nesta aula. Os resultados mostraram que na aula observada houve a predominância da exposição do conteúdo, e que a professora teve maior participação em comparação aos alunos, porém com a predominância de algumas perguntas por parte da professora, incentivando o envolvimento dos alunos. Além disso, a professora levou imagens impressas para assim tentar despertar um interesse nos alunos dinamizando a aula. Foi possível observar também desafios, quando parte da turma portou-se de forma desatenta, levando a reflexões sobre como enfrentar tais situações.

Palavras-chave: Interações verbais; relação professor-aluno; processo de ensino-aprendizagem.

¹Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.*

²Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.*

³Doutora em Biotecnologia - UFPE e Professora do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.*

Introdução

A comunicação em sala de aula é um dos aspectos indispensáveis no âmbito do ensino, pois sendo a linguagem o principal recurso utilizado pelos professores no ato de ensinar, é de suma importância na interação professor-aluno (Costa *et al.*, 2012). O estudo sobre as interações discursivas e da linguagem tem crescido em diversas áreas do conhecimento e tem demonstrado força na área de pesquisa em ensino (Costa *et al.*, 2012). Em uma perspectiva mais aplicada, Matêncio (2001) discute um evento de interação como ponto de articulação entre o sujeito e o social, voltando-se para a interação no espaço da sala de aulas, e entende que o professor e alunos possuem intenções além do ensinar e aprender: estabelecem igualdade de relações, de lugares e papéis complementares. Logo, as intervenções dos alunos podem ser observadas para informar ao professor o que sabem, permitem continuidade da interação e agem quanto ao dito e estudado. Isso ocorre por intermédio de suas perguntas e de suas respostas (Santos, 2014).

Sem dúvida, o professor além de ser educador e transmissor de conhecimento, deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a pensar e a questionar por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do educador (Bulgraen *et al.*, 2010).

Segundo Freire (1979), a ação do professor contribui para uma sociedade pensante, e o aluno deixa de ser um depósito de informações para ser um cidadão pensante, isso acontece à medida que o professor entende que o processo de mediação, que tem como objetivo causar desenvolvimento, deixa de ser algo unilateral para ser algo compartilhado e construído socialmente. O diálogo entre o professor e os alunos começa não quando esses já estão em uma situação de sala de aula, mas "quando aquele se pergunta sobre o que vai dialogar com estes" (Freire, 2008, p. 96). Isso acontece porque a educação, sendo uma interação, requer tanto a participação dos alunos quanto a do professor. Em entrevista, Léa Fagundes (1999) afirma sobre a pouca liberdade do aluno dentro do ambiente escolar para experimentar diferentes sensações e gostos, que são fundamentais para o crescimento do indivíduo e da sociedade.

Diante da significância desse tema, este trabalho objetiva promover uma reflexão sobre o papel norteador do professor, ao observar e identificar a interação verbal entre professores e alunos em uma aula de ciências em uma turma de 7º ano, de acordo com as categorias do sistema de interações verbais em sala de aula de Flanders (1967).

Metodologia

Para a realização deste trabalho foi selecionada uma turma do 7º ano, de uma escola pública na cidade de Ipiranga do Piauí, estado do Piauí. Após esclarecimentos sobre a natureza do projeto e assegurando a garantia de anonimato e privacidade da escola, do professor e alunos envolvidos, com a autorização dos participantes, foi realizado o acompanhamento e observação da aula, das falas do professor e dos alunos durante uma aula de Ciências. A aula foi gravada com um aplicativo em dispositivo telefone móvel, para anotações das interações verbais entre o professor e os alunos.

Para categorizar os turnos de fala do professor e alunos, foi utilizado o Sistema de Análise de Interação em Sala de Aula de Flanders (FIACS, do inglês *Flanders Interaction Analysis Classroom System*) (Flanders, 1967), com o intervalo de tempo de anotação a cada 3 minutos, para posterior classificação na categorias dispostas no Quadro 1.

Quadro 1. Categorias dos sistemas de análise de interação verbal de Flanders (Flanders, 1967)

Participação do Professor	Influência Indireta	1 Aceitação dos sentimentos dos alunos: Aceita e classifica os sentimentos dos estudantes de uma maneira não ameaçadora. Os sentimentos podem ser positivos ou negativos. Predição ou lembrança de sentimentos estão aqui incluídos.
		2 Elogio ou encorajamento: Elogiar ou encorajar as ações ou comportamentos dos alunos. Piadas que relaxam a tensão da classe e não à custa de um indivíduo em particular. Movimento de cabeça falando "am, am" ou "está certo", etc, está incluído.
Participação do Professor	Influência Direta	3 Aceitação ou uso das ideias dos alunos: Esclarecendo instruindo ou desenvolvendo as ideias ou sugestões dos alunos.
		4 Fazendo perguntas: Fazendo questões sobre o conteúdo ou procedimento, com intenção de obter respostas do aluno.
Participação do Aluno	Influência Direta	5 Exposição: Apresentando fatos ou opiniões sobre o conteúdo ou procedimento, expressando suas ideias, fazendo questões retóricas.
		6 Dando direções: Dando direções ou ordens para as quais é esperado que os alunos obebedçam.
Participação do Aluno	Influência Indireta	7 Crítica ou justificativa de autoridade: Críticas, intenção de mudar o padrão de comportamento do aluno de não aceitável para aceitável, pôr aluno para fora, explicar seus atos, extrema auto-referência.
		8 Respondendo: Participação do aluno em resposta ao professor. O professor inicia o contacto ou solicita a participação dos alunos.
Participação do Aluno	Influência Indireta	9 Iniciando a participação: Participação iniciada pelo aluno. O observador precisa decidir se o aluno queria falar.
		10 Silêncio ou confusão: Pausa, pequenos períodos de silêncio e períodos de confusão nos quais a comunicação não pode ser entendida pelo observador.

Para constituir a análise quali-quantitativa, os turnos de falas foram ordenados e os números das categorias foram definidos aos pares, no qual o primeiro membro do par aponta a linha e o segundo aponta a coluna. No par seguinte é utilizada a fala referente à coluna do par anterior, como linha e a fala seguinte como coluna do segundo par. Com os valores

corresponde aos pares de linha e coluna adicionados e somados na matriz mostrada no Quadro 2 (Carvalho, 1985 *apud* Santos; Dorea, 2018, p. 6).

Quadro 2. Matriz de áreas de análise de interações verbais em sala de aula pelo sistema de Flanders, com linhas e colunas numeradas de 1 a 10 representando o sistema de Flanders

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
1	Área E										
2											
3											
4											Área H
5											
6											
7											Área F
8	Área G1										
9											Área G2
10											Área I
TOTAL											
Área A	Área B		Área C		Área D						
Participação indireta	Participação direta		Participação do aluno								
	Participação do Professor										

Os cálculos para a análise da porcentagem de falas e demais interações de acordo com as áreas A, B, C, D, E, G1, G2, H e I da pontuação da matriz (Quadro 2) estão definidos no Quadro 3.

Quadro 3. Referências às análises quantitativas de áreas da matriz de categorias de Flanders em linhas e colunas

Áreas	Interpretação das Áreas	Modo de cálculo
Área A	Porcentagem do tempo de fala indireta do professor.	(Total das colunas 1+ 2 + 3 + 4) / Total de todas as colunas
Área B	Porcentagem do tempo de fala direta do professor.	(Total das colunas 5 + 6 + 7) / Total de todas as colunas
Área C	Porcentagem do tempo de fala do aluno.	(Total das colunas 8+ 9) / Total de todas as colunas
Área D	Porcentagem do tempo de fala do aluno.	(Total da coluna 10) / Total de todas as colunas
Área E	Frequência de elogios do professor para com os alunos.	(Total dos pares 1,1+ 1,2 + 1,3 +2,1 + 2,2 + 2,3 + 3,1 + 3,2 + 3,3) /Total de todas as colunas
Área F	Porcentagem do uso de críticas e ordens feita pelo professor.	(Total dos pares 6,6+ 6,7 + 7,6 +7,7) / Total de todas as colunas
Área G1	Incentivos o professor dá, de imediato, após uma pergunta feita pelo aluno.	(Total dos pares 8,1+ 8,2 + 8,3 +9,1 + 9,2 + 9,3) /Total de todas as colunas

Área G2	Direcionamento que o professor dá, de imediato, após uma participação feita pelo aluno.	(Total dos pares 8,6+ 8,7 + 9,6 +9,7) / Total de todas as colunas.
Área H	frequência de participação dos alunos após uma ação do professor.	(Total dos pares 4,8+ 4,9 + 5,8 +5,8 + 5,9) / Total de todas as colunas.
Área I	Indica a participação do aluno, mesmo sem pedido do professor.	(Total dos pares 8,8+ 8,9 + 9,8 +9,9) / Total de todas as colunas.

Resultado e Discussão

As observações da aula foram feitas numa única aula de Ciências, numa turma do 7.^º ano do Ensino Fundamental, na escola pública municipal de Ipiranga do Piauí. A turma era composta por 22 alunos com idades entre 12 e 14 anos, e o conteúdo ministrado foi a “Classificação dos peixes, aves, répteis e mamíferos”. Foi notória a quantidade de alunos presente na aula inferior ao total, onde somente 15 alunos estavam presentes na turma. Entretanto, não é possível estimar e generalizar para a turma a causa das ausências, com apenas uma observação e conhecendo pouco da convivência da turma, porém ao conversar com a professora, foram relatadas dificuldades na constância da frequência, e desinteresse.

Ao observar a aula de Ciências, percebeu-se que muitos alunos demonstraram desinteresse ou desmotivação, em relação a prestar atenção à aula e passar a maior parte do tempo conversando, ao invés de estar focado no conteúdo repassado pela docente. Além disso, uma parte desses alunos apresentou muita dificuldade em relação ao entendimento do conteúdo. Por outro lado, a outra parte desses alunos mostrou bom entendimento do assunto e participação na aula.

Assim percebe-se vários obstáculos na educação afetando os alunos, como pouca participação em sala de aula, mostrando que o impasse no potencial de aprendizagem é evidente. Entretanto, esses acontecimentos podem ser explicados pelo fato de que muitas crianças e adolescentes sentem insegurança, como por exemplo para levantar a mão para fazer uma pergunta ou até mesmo de não corresponder com a resposta exata às perguntas feita pela professora na aula. Assim, é muito importante que os professores busquem formas mais eficazes para a aplicação de tarefas, principalmente aquelas que envolvam o aluno em seu processo de ensino e aprendizagem, para que os alunos se sintam seguros naquele determinado ambiente de estudo (Carvalho; Serpa, 2010).

Em um artigo sobre de quem é a responsabilidade do interesse do aluno em sala de aula, Barboza e Cardoso (2006) comentam, sob pontos de vista divergentes, a respeito do aluno e professor em sala de aula. Um destes, a partir de sua experiência em sala de aula, afirma que o aluno geralmente não é interessado em ir às aulas, que suas atenções são

voltadas para coisas muito mais atraentes que estão além dos portões das escolas e que a escola não é atraente, pois ela não se relaciona com o que há fora dela.

Para que haja a aprendizagem o aluno precisa dispor-se a aprender por entender que ninguém poderá fazê-lo por ele, como afirma Moraes, "... a vida é um caminho e ninguém pode caminhar pelo outro o caminho que é do outro". Ainda, segundo o mesmo autor, "... só há ensino quando há companheirismo entre ensinante e ensinando, educador e educando, pois o que caracteriza o ensinar é a ultrapassagem da coexistência para a convivência" (Morais, 1986, p. 10).

Análises e reflexões sobre a interação verbal entre alunos e professores são relevantes nesse contexto, pois permitem que se perceba desafios e como superá-los no contexto da sala de aula. Na aula observada, as falas ocorridas foram descritas no Quadro 4, ordenadas de 1 a 61, com as categorias do Sistema de Flanders (Flanders, 1967), na coluna à direita.

Quadro 4. Diálogo professor-alunos durante uma aula de Ciências do Ensino Fundamental e categorias do Sistema de Análise de Interação em Sala de Aula de Flanders (1967)

Diálogo professor/ alunos	Categoria s
1. professora: Hoje vamos dar continuidade ao conteúdo, classificação dos peixes, aves, répteis e mamíferos. Abram o livro na página 126.	6
2. professora: Sobre os peixes vocês aprenderem de acordo com esse texto, que existem dois tipos de peixe, quais são eles?	4
3. alunos: São peixes cartilaginosos e os peixes ósseos.	8
4. professora: os peixes cartilaginosos também são chamados de Condrictes.	5
5. professora: Quais são as características desses peixes cartilaginosos?	4
6. alunos: são totalmente formados por cartilagem não apenas por a presença de ossos a não ser a mandíbula.	8
7. professora: isso mesmo. e os peixes ósseos quais são as características?	4
8. alunos: ficaram em silêncio	10
9. professora: bom uma característica, que o aluno tinha falado é que os peixes cartilaginosos eles são formados por cartilagens aquele tipo de osso, que é o cartilaginoso que é um osso flexível, com a exceção da mandíbula pois essa mandíbula não é cartilaginosa até mesmo, porque o peixe precisa para se alimentar.	5

10. professora: Então dá pra gente dizer com certeza uma característica forte dos peixes ósseos qual é?	4
11. alunos: são formados por ossos.	8
12. professora: sim são formados por ossos rígidos e ossos duros certo. então isso é uma das principais diferenças e o nome já está dizendo.	3
13. professora: esses peixes vivem dentro de onde?	4
14. alunos: no mar	8
15. professora: isso, eles vivem no mar, dentro da água, por isso eles precisam de estruturas suficientes para se adaptarem nesse ambiente que no caso é o ambiente aquático.	3
16. professora: eu trouxe aqui algumas ilustrações para vocês entenderem a diferença física dos peixes ósseos e peixes cartilaginosos. como que é as escamas dos peixes cartilaginosos e ósseos no caso os peixes cartilaginosos é uma escama deitada enquanto que o peixe ósseo as escamas e mais circulares e achatadas.	5
17. professora: a docente mostrou as imagens para cada um dos alunos e em seguida botou as imagens com a fita na parede e ela explicou muito bem as diferenças físicas dos peixes ósseos e cartilaginosos.	5
18. professora: vocês lembram da diferença do endoesqueleto para o exoesqueleto?	4
19. alunos: o endoesqueleto fica dentro do corpo. e o exoesqueleto fica na parte externa que é uma proteção por fora da capa. ex: as baratas.	8
20. professora: isso mesmo, muito bem o endoesqueleto fica na parte de dentro do corpo como juntamente os peixes ósseos têm o esqueleto que fica dentro do corpo. já o exoesqueleto é aquela capa ou carapaça como dizem como as baratas né que quando o passar do tempo é como se fossem uma roupa não é um esqueleto é só um material rígido um pouquinho duro que seria uma proteção como se fosse uma roupa, pois quando as baratas crescem elas fazem uma muda que no caso a troca de exoesqueleto troca de capa no caso é uma proteção para todo o corpo.	5
21. professora: então os peixes eles não têm exoesqueletos e sim tem endoesqueletos.	5
22. professora: vocês lembram o que significa anfíbios, e de onde vem?	4
23. alunos: ficaram todos em silêncio	10
24. professora: Então a educadora pediu para um aluno que estava conversando fazer uma leitura do texto referente à sua pergunta pag. 127.	6
25. alunos: o aluno fez a leitura do texto muito baixo e ruim para os demais entenderem leitura. especificando (desanimado).	8

26. professora: segundo o que o aluno leu que os anfíbios têm vida dupla, eles nascem em um determinado ambiente aquático e quando cresce vive em outro ambiente terrestre. no caso o nome anfíbio significa vida dupla. como por exemplo o sapo, quando o sapo nasce quando eles botam o ovo é dentro do mar, e quando passa para forma de larva ele está dentro do mar e enquanto está em girino está dentro do mar, mais quando se transforma em sapo ele vai pra onde para terra. então percebemos que eles têm dois estilos de vida pois quando a sua reprodução o seu ambiente é aquático e quando crescem eles saem desse ambiente aquático e começam tomar um ambiente terrestre.	5
27. professora: no início quando eles estão nos girinos respiração deles estão no processo de metamorfose, como é a respiração deles?	4
28. professora: deu 5 segundos	10
29. alunos: respiração branquial.	8
30. professora: por que precisa ser uma respiração branquial?	4
31. alunos: o aluno respondeu porque na água não se extraia oxigênio pois a única capacidade do pulmão e a respiração branquial para sobreviver na água.	8
32. professora: Muito bem, alguém mais pra responder?	4
33. alunos: ninguém respondeu.	10
34. alunos: a aluna perguntou: qual é a vida dupla da cobra cega?	9
35. professora: a Cecília? leva uma vida dupla primeiro na água e depois em terra firme.	3
36.alunos: ficaram debatendo sobre a vida dupla da cobra cega.	9
37. professora: bom, quando os girinos estão na fase inspiratória eles respiram por brânquias dentro da água e quando sai da água eles têm dois tipos de respiração tá bom, que é uma respiração pulmonar e também tem anfíbios que respiram pela pele que é a respiração cutânea. Então o sapo precisa estar perto de locais úmidos por isso eles aparecem mais em tempos chuvosos agora em tempos secos não aparecem muito.	5
38. professora: Os anfíbios são divididos em três grandes grupos, quais são esses grupos?	4
39. alunos: os Anura, Urodelos e as cecílias.	8
40. professora: certo, agora me digam quem faz parte do primeiro grupo dos anuros?	4
41. alunos: sapos e rãs e pererecas.	8
42. professora: quais são as características desses seres vivos aí nesse grupo?	4

43. alunos: o aluno respondeu que eles possuem quatro membros e são desprovidos. Algumas espécies se locomovem por saltos e outras caminham por natação e escalada.	8
44. professora: isso, muito bem	2
45. professora: os machos dos anuros podem produzir sons com a finalidade de atrair a fêmea para a reprodução e marcação de território e os anfíbios possuem sexos separados pois existem uma fêmea e um macho.	5
46. alunos: um aluno perguntou: a reprodução deles é assexuada?	9
47. professora: não, pois a reprodução deles é sexuada porém de forma externa. Por exemplo, ele sobe em cima da fêmea e ele dá um abraço no momento que ele abraça dentro da água é liberado os gametas masculinos e os femininos e ocorre a fecundação vai ocorrer dentro da água.	3
48. professora: quem são e quais são e as características dos Urodelos?	4
49. alunos: logo em seguida a aluna fez a leitura do livro correspondendo a pergunta que a docente fez.	8
50. professora: certo, pode ver que a forma de ser urodelo, a forma física é um pouco parecida com a do sapo mas têm suas diferenças. O urodelo tem quatro patas, sim tem mais eles tem cauda também são totalmente seres que vivem na água.	5
51. professora: os anuros têm cauda, tem pessoal? não eles não tem e já os urodelos possuem sim a cauda.	5
52. professora: Já sabemos qual é a vida dupla da cobra cega, então quero saber quem são as cecílias, nome bonito que a gente usa até em nomes de pessoas, mas é o nome científico da cobra cega. Quais são as suas características?	4
53. alunos: o aluno respondeu que são caracterizadas pelas doenças de membros e corporizada. Para se locomover elas rastejam envolvendo todo o corpo. Elas podem ser aquáticas e escavadoras. As cecílias são conhecidas também como cobra cega, pois seus olhos são recobertos por ossos e não possuem pálpebras.	8
54. professora: muito boa sua explicação parabéns.	2
55. professora: então são conhecidas como as cobras cegas, a gente ver o corpo delas é totalmente alongado agora sim a diferença é muito grande não tem patas dá pra gente matar a charada eles rastejam não pulam não caminham e são aquáticas ou escavadoras.	3
56. professora: mais alguém para responder? Vamos pessoal quero ver mais a participação só o colega de vocês está respondendo, quero a participação de todos.	4
56. professora: voltando ao conteúdo, elas são desprovidas de quê?	4

58. professora: deu 4 segundos	10
59. alunos: elas são desprovidas de pálpebras e não possuem olhos, por isso dá o seu nome de cobra cega.	8
60. professora: muito bem gente.	2
61. professora: a aula de hoje está encerrada. Tentam ler em casa esses répteis, aves, mamíferos e anfíbios. Estão liberados.	6

Com relação à análise das áreas (Quadro 5), que permite analisar qualitativamente as falas de acordo com as categorias do Sistema de Análise de Flanders, obteve-se na área A (falas das colunas 1 a 4), que refere-se a momentos em que o professor mantém uma comunicação indireta, menos relacionada à transmissão ou discussão de conteúdo e mais próxima dos seus alunos, com elogios, aceitação e perguntas, um total de 42%. Nesse caso a interação que mais se destacou foi a da categoria 4 (fazendo perguntas), que demonstra a intenção do professor de que os alunos fossem mais participativos na aula.

Por meio das perguntas, o momento da aula resultou num questionário estimulando discussões com os alunos sobre o conteúdo. O diálogo é de suma importância para a interação professor-aluno. De acordo com Bariani e Pavani (2010), no processo ensino-aprendizagem, a relação professor-aluno deve ser marcada pela bidirecionalidade, ou seja, pela influência existente do professor sobre o aluno, assim como do aluno sobre o professor, portanto tendo efeitos recíprocos.

Quadro 5. Matriz de resultados da análise de categorias da fala de acordo com Flanders (1967) da aula de Ciências observada em uma turma do 7º ano do ensino fundamental.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
1											
2			1		1	1					3
3				3	1				1		5
4				1				11		5	17
5				7	3				1		11
6				1				1			2
7											
8		3	2	5	3	1		3			14

9			2		1						3
10						2		2	1		5
Total			3	5	17	9	4		17	3	5

É relevante e fundamental que o professor mostre interesse pelo seu aluno, que queira conhecê-lo. A compreensão do aluno é fundamental para que se estabeleçam laços de simpatia e amizade com o professor. Simpatia e amizade são também fundamentais para que sejam alcançados os objetivos de educação (Saviani, 2012).

A área B referente à participação direta do professor, correspondendo às colunas 5, 6 e 7, apresentou uma porcentagem de 22%. Esta abrange momentos em que o professor não tem um contato mais interativo com a turma (faz exposições do conteúdo, dá direções e faz críticas). Dentre os 22%, não houve críticas aos alunos (categoria 7) e as ordens direcionadas (categoria 6) foram mínimas, havendo predominância da categoria 5, que trata de falas quando o professor transmite informações, opiniões e fatos aos alunos sobre o conteúdo e que é a categoria mais frequente encontrada em sala de aula.

Segundo Freire (1996), o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento, “sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem, porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas imaginações, suas dúvidas, suas incertezas”.

A área C, referente à participação dos alunos respondendo ou iniciando a participação voluntariamente durante a aula, apontou um resultado de 33%. Dessa forma, constatou-se que essa participação predominou como resposta dos alunos às perguntas feitas pela educadora sobre o conteúdo abordado. Mostra-se que alguns alunos tinham um bom entendimento referente ao assunto, e isso demonstra para a educadora o interesse no assunto da aula. O espaço de trabalho do professor é cheio de interações, assim, as interações com os alunos não constituem um aspecto secundário do seu trabalho, ao contrário, elas constituem o núcleo, considerando que “o ensino é uma atividade humana, um trabalho interativo, um trabalho baseado em interações entre pessoas” (Tardif, 2010, p. 83).

Na área D, referente à categoria 10 (silêncio ou confusão), houve o equivalente a 8% das participações. Estas situações ocorreram quando os alunos não sabiam responder, e também quando a professora dava um tempo de 4 a 5 segundos para que todos pensassem numa resposta exata, mas poucos tentavam responder, enquanto a outra parte da turma estava conversando e atrapalhando a aula. Vale ressaltar neste momento de confusão, em

que um aluno se destacava mais que os outros na conversa, a professora chamou-lhe a atenção e lhe fez uma pergunta em relação ao assunto que ela estava repassando. Neste momento todos da turma entraram em confusão, pois o aluno não sabia corresponder a pergunta. Em seguida, provavelmente numa tentativa de ganhar a atenção do grupo que fazia barulho, a professora pediu que o referido aluno fizesse a leitura no livro, referente à resposta da sua pergunta. Então o aluno fez a leitura de forma baixa e desanimada, de modo incompreensível para a turma entender. A professora então prosseguiu explicando o que o aluno leu.

Diante deste desafio, o fato de a professora chamar a atenção do aluno demonstra preocupação com sua aprendizagem, e busca de facilitar o processo de aprendizado e melhorar a aceitação do conteúdo por parte do aluno, embora neste caso não tenha tido muito sucesso.

Na área E, é mostrada a frequência de elogios que a professora faz aos alunos, que apresentou um resultado de 8%. Nesse contexto, houve poucos momentos de elogios por parte da educadora após cada interrogação feita na aula, mas ao mesmo tempo a minoria participava. Por outro lado, dentre os alunos teve um que mais se destacava na classe devido às suas respostas conclusivas e explicativas. Podemos enfatizar uma dessas fala durante a aula quando a docente fez um questionamento sobre qual é a vida dupla da cobra cega: “Já sabemos como é a vida dupla da cobra cega, então quero saber quem são as cecílias, nome bonito que a gente usa até em nomes de pessoas, mas é o nome científico da cobra cega. Quais são as suas características?” Logo em seguida o aluno fez uma explicação bem definida e complexa e adicionou: “para se locomover elas rastejam envolvendo todo o corpo e podem ser aquáticas ou escavadoras”. Após sua explicação a educadora parabenizou o aluno pela participação na aula e suas respostas específicas sobre o conteúdo e prosseguiu com o assunto.

Na área F (críticas e ordens) não houve pontuação, o que pode ser positivo, pois foi essencial às participações dos alunos na aula, pois alguns deles participaram sem a necessidade da exigência da educadora.

Na área G1, referente a incentivos ou feedback positivo do professor após respostas ou falas espontâneas dos alunos, houve uma ocorrência de 11% de diálogo. Pode-se destacar uma dessas falas, em que uma aluna fez uma pergunta que despertou a curiosidade da turma sobre qual é a vida dupla da cobra cega, e a professora detalhou bem sobre a curiosidade da aluna e houve incentivo para os demais alunos debater sobre isto. Porém este valor também

é relativamente baixo, o que pode representar para o aluno que a sua participação não é sempre reconhecida pelo professor.

Semelhantemente, na área G2, que trata de direcionamento e críticas do professor, após fala feita pelo aluno, houve um resultado de 2%. Ao se verificar as falas que fazem referência a esta pontuação, verifica-se que não representaram um feedback negativo ou neutro para o aluno, o que pode representar que a sua falta de participação é ignorada ou que o professor deixa de lidar. Nem sempre é possível superar a falta de interesse no conteúdo pelo aluno na sala de aula, sem o devido planejamento. Durante a aula, o processo avaliativo, mesmo informal, deve ser garantido na sua função fundamental da tarefa do ensino, sendo de orientar e motivar a aprendizagem. E tanto para o aluno quanto para o professor a avaliação deve promover uma via clara de informação de retorno (feedback) do ensino-aprendizagem (Morales, 1999).

Em relação à área H, a participação dos alunos após uma ação do professor por perguntas, notou-se pontuação relevante de 18%, demonstrando que os alunos conseguiram interagir bastante na aula. Para chamar a atenção a professora buscou várias formas de os alunos entenderem o que ela estava repassando não só através de perguntas, mas também com imagens impressas ilustrando a diferença física dos peixes ósseos e peixes cartilaginosos. Percebeu-se que a maior participação e contribuições dos alunos se tornaram bastante úteis para a educadora observar o quanto os alunos estavam entendendo o conteúdo abordado na sala de aula.

Por fim, a respeito da área I, referente à participação dos alunos de forma seguida à fala de outros alunos, houve uma pontuação de 5%, revelando também um pequeno grau de autonomia por parte da turma. Porém, ao analisar os pares de falas desta área, percebeu-se que foram poucas as perguntas, algumas referentes a curiosidades sobre o conteúdo que estava sendo ministrado na aula. Isso pode ter ocorrido porque não se sentirem capazes de estender o diálogo com a professora, além disso sempre era fornecido pouco tempo pela educadora para que eles falassem uma resposta direta após cada pergunta.

Segundo Gadotti (1999), o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida, assim, promovendo reflexões e discussões mais argumentativas, com a contribuição de experiências do aluno. A aprendizagem é potencializada quando convergem as condições que estimulam o trabalho e o esforço. É preciso criar um ambiente seguro e ordenado, que

ofereça a todos os alunos a oportunidade de participar, num clima com multiplicidades de interações que promovam a cooperação e a coesão de grupo (Zabala, 1998).

Considerações Finais

A partir da observação realizada numa única aula não é possível generalizar a respeito da atuação do professor e sua interação, porém este estudo de caso é bastante relevante para promover um olhar mais apurado ao professor em formação, em relação às dificuldades diariamente enfrentadas assim como, novas medidas didáticas e ideias de interação para a participação ativa de todos.

Além disso, foi possível experienciar o enfrentamento de situações como falta de atenção na aula, dificuldade de compreensão, que são desafios que fazem parte do cotidiano do professor, e que nesta experiência observada houve algumas estratégias na busca de sanar e gerar mais participação ativa na sala de aula do aluno, com os colegas e educadores.

A experiência de observação e análise realizada por fim permite sugerir em próximos trabalhos abordagens metodológicas baseadas no conteúdo, para melhoria de alguns momentos de interação dos alunos com o conteúdo, conhecendo quais são as dificuldades reais enfrentadas neste conteúdo e mostrando uma solução mais eficaz possível para cada situação observada.

Referências

BARIANI, Isabel Cristina; PAVANI, Renatha. Sala de aula na universidade: espaço de relação interpessoais e participação acadêmica. **Revista Estudos de Psicologia**, n. 25, v. 1, jan./mar., p. 67-75, 2008.

BULGRAEN, V. C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v. 1, n. 4, p. 30-38, ago./dez., 2010.

CARVALHO, I. C. S. **Análise de Comportamento Verbal de Professores em Sala de Aula**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 1985.

COSTA, M. F. O.; SALES, R. O.; SANTANA, L. C. A importância da comunicação em sala de aula. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-9. 2012.

FLANDERS, N. **Analysing teaching behavior**. Reading: Addison-Wesley, 1967.

FAGUNDES, Léa da Cruz. O prazer de aprender. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Porto Alegre, n. 16 (jul.), p. 130-136, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São

- Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1979, 12a edição.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2008
- GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.
- MATÊNCIO, M. P. O evento de interação como ponto de articulação entre o sujeito e o social: uma análise da interação professor-alunos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 37, n. 1, p. 23-38. 2001.
- MORAIS, R. de. **O que é ensinar**. São Paulo: EPU, 1986.
- MORALES, P. **A relação professor-aluno**: o que é, como se faz. 6. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1999.
- SANTOS, A. R. A. **A produção de perguntas e respostas em sala de aula**: um estudo de caso. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.
- SANTOS, M. C.; DOREA, C. C. O sistema de análise de Flanders como método de avaliação do comportamento verbal de professores em sala de aula. In: Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento, 9., 2018, São Paulo. **Anais** [...] São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018 p. 1-10.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 42. ed. Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2012.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- ZABALA, A. **A Prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ESTUDO DE CASO: PERGUNTAS EM AULA DE CIÊNCIAS NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



*Maria Amanda de Oliveira Moura*¹
*Maria Clara Teixeira Simão*¹
*Marcos Henrique da Silva Bezerra*²
*Maria Pérola dos Santos Martins*¹
*Raquel Leal Bento*¹
*Mara Danielle Silva do Carmo*³

RESUMO EXPANDIDO:

Neste trabalho, propõe-se a uma análise quali-quantitativa da interação verbal entre professor-aluno ao quantificar as participações de cada um em sala e categorizar as perguntas feitas pelo professor para refletir sobre como os comportamentos das partes podem se relacionar com o processo de ensino-aprendizagem do aluno em sala de aula. Para tanto, alunos do curso de Biologia da Universidade Estadual do Piauí realizaram observações de uma aula de Ciências, no 7º ano do ensino fundamental, em escola municipal de Geminiano-PI. Por meio da contabilização das falas, notou-se uma grande participação por parte do professor em relação à participação dos alunos. Já quanto à razão entre as participações indireta e direta do professor percebeu-se na participação direta, maior predominância de perguntas e pouca aceitação de ideias, sentimentos e elogios. Quanto às perguntas predominou o tipo “com somente duas possibilidades de resposta”, de caráter mais opinativo, aproximando os alunos do conteúdo, porém não promovendo raciocínios mais aprofundados. Percebe-se a necessidade de refletir cada vez mais sobre a comunicação na sala de aula, visto que ela é essencial para o desenvolvimento de atividades entre professor e aluno. E com isso promover, entre os professores em formação, mudanças nas metodologias de ensino associadas a uma comunicação tanto afetiva como argumentativa, que é indispensável para que o processo de aprendizagem seja efetivo.

Palavras-chave: Diálogo; Perguntas em sala de aula; Relação Professor-aluno.

¹Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil

²Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

³Doutora em Biotecnologia pela UFPE e Professora do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

Introdução

O papel do professor na sala de aula tem sido cada vez mais convertido em um de mediador, que busca o entendimento comum em um processo de construção de conhecimento que ocorre apenas por meio da interação. A classe vem mudando e deve provocar a reflexão sobre sua própria atividade, suas consequências para o conhecimento e atividades educativas, de acordo com Gómez (2000). Nessa mesma linha de raciocínio, Rey (1995) defende a ideia de que a relação professor-aluno é influenciada pelas percepções que um tem do outro e até mesmo pelas representações mútuas entre eles, onde a interação professor-aluno não pode ser reduzida a um processo cognitivo de aquisição de conhecimento, pois está relacionada também a uma dimensão afetiva e motivacional.

Freire (1996, p. 96) aponta que:

“O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.”

Nesta interação o professor vai deixando de ser o “dono do saber” e passará a ser um orientador, um colaborador do saber, alguém que observa e participa do processo de construção e da nova aprendizagem do aluno. Para isso pode-se utilizar de métodos de ensino, que são atividades do professor que organizam as atividades de ensino ao aluno para atingir os objetivos de ensino relacionados a determinado conteúdo. Eles regulam as formas de ensinar e aprender, a interação entre o professor e os alunos, o que resulta na assimilação consciente da informação e no desenvolvimento das habilidades cognitivas e funcionais dos alunos (Freire, 1996).

Fernandez (1991) sugere que o processo de aprendizagem envolve dois indivíduos, aquele que ensina e aquele que aprende, estabelecendo assim uma relação entre ambos, e refletindo de certo modo no fracasso e sucesso do estudante na escola, que estão relacionados a muitos fatores, não apenas no interesse do aluno, por isso é essencial que tanto o estudante quanto o professor estejam em concordância, mantendo um respeito mútuo. Para Vasconcellos (2005) "as dificuldades afetivas provocam desadaptações sociais e escolares, bem como perturbações no comportamento, o cuidado com a educação afetiva deve caminhar lado a lado com a educação intelectual".

O diálogo professor-aluno é de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem, pois é somente por meio desse diálogo que o professor poderá conhecer seus alunos, e assim, ativar sua curiosidade epistemológica, aproveitando, nesse sistema de

ensino aprendizagem. O educador necessita ser um agente humanizador, o qual valoriza a interioridade e as relações que o aluno estabelece. Quando utiliza o diálogo, ele transforma a educação em um processo de humanização (Bueno, 2003).

Buscando refletir sobre a importância do diálogo em sala de aula e compreender, além de procurar formas para melhorar essa comunicação, que podem ser desempenhadas por ambos, este trabalho tem por objetivo apresentar os tipos de interações verbais entre professor e aluno, por meio da análise das falas, utilizando um sistema de categorização de Flanders (1967) e por meio análise das perguntas realizadas em sala de aula pelo professor, categorizando-as de acordo com Carvalho (2012) em uma aula de turma do 7º ano do ensino fundamental.

Metodologia

Foi realizada uma visita a uma escola municipal pública, em Geminiano-PI, onde os graduandos de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, informaram à diretora da escola, ao professor de Ciências e aos alunos da turma do 7º ano do ensino fundamental sobre a natureza da pesquisa, e estes foram convidados a participar da pesquisa, garantido a privacidade quanto à identificação de todos os envolvidos.

Após os esclarecimentos, solicitou-se que os alunos assinassem um termo de assentimento livre e esclarecido (TALE). E ao professor e aos responsáveis pelos alunos foi solicitado que assinassem um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), para assim autorizar a observação da aula na turma.

Foi realizada a gravação da aula com recurso de áudio de um dispositivo móvel e posteriormente foi feita a transcrição das falas, considerando um intervalo de 2 minutos entre as falas. Em seguida, foi realizada a categorização destas falas utilizando o sistema de análise de sala de aula de Flanders, FIACS (do inglês *Flanders interaction analysis of classroom system*) (Flanders, 1970), cujas categorias estão descritas no quadro da Figura 1.

Figura 1. Categorias descritivas do Sistema de Análise de interação Verbal em Sala de Aula de Flanders (1970)

Participação do Professor	Influência Indireta	1 Aceitação dos sentimentos dos alunos: Aceita e classifica os sentimentos dos estudantes de uma maneira não ameaçadora. Os sentimentos podem ser positivos ou negativos. Predição ou lembrança de sentimentos estão aqui incluídos.
		2 Elogio ou encorajamento: Elogiar ou encorajar as ações ou comportamentos dos alunos. Piadas que relaxam a tensão da classe e não à custa de um indivíduo em particular. Movimento de cabeça falando "am, am" ou "está certo", etc, está incluído.
		3 Aceitação ou uso das idéias dos alunos: Esclarecendo instruindo ou desenvolvendo as idéias ou sugestões dos alunos.
		4 Fazendo perguntas: Fazendo questões sobre o conteúdo ou procedimento, com intenção de obter respostas do aluno.
	Influência Direta	5 Exposição: Apresentando fatos ou opiniões sobre o conteúdo ou procedimento, expressando suas ideias, fazendo questões retóricas.
		6 Dando direções: Dando direções ou ordens para as quais é esperado que os alunos obeedeçam.
	Participação do Aluno	7 Crítica ou justificativa de autoridade: Críticas, intenção de mudar o padrão de comportamento do aluno de não aceitável para aceitável, pôr aluno para fora, explicar seus atos, extrema auto-referência.
		8 Respondendo: Participação do aluno em resposta ao professor. O professor inicia o contacto ou solicita a participação dos alunos.
	9 Iniciando a participação: Participação iniciada pelo aluno. O observador precisa decidir se o aluno queria falar.	
	10 Silêncio ou confusão: Pausa, pequenos períodos de silêncio e períodos de confusão nos quais a comunicação não pode ser entendida pelo observador	

Para a análise das falas categorizadas, foi realizada a contagem do número de falas em cada categoria e calculadas as porcentagens da participação do aluno e professor durante a aula ministrada. Para a participação total do professor foi utilizado o somatório das falas nas categorias 1 a 7 dividido pelo total de participações durante a aula. Já para o cálculo da participação total do aluno, foi realizado o somatório das falas das categorias 8 e 9 e dividido pelo total de participação.

No cálculo da participação indireta em relação à direta do professor (I/D), foi somado o número de falas das categorias de 1 a 4 e o valor dividido pela soma da quantidade de falas das categorias 5 a 7.

E na participação indireta em relação à direta do professor revisada (I/D*), foram somadas as falas das categorias de 1 a 3 e o valor dividido pelo somatório das falas das categorias 6 e 7.

Por fim, foram classificadas as perguntas realizadas pelo professor durante a aula, de acordo com Carvalho (2012), cujas categorias são:

- A) Perguntas sem sentido
- B) Perguntas de complementariedade
- C) Perguntas que levam os alunos a raciocinar
- D) Perguntas retóricas
- E) Perguntas com duas possibilidades de respostas

Resultados e Discussão

A aula de Ciências observada em uma turma do 7º ano do ensino fundamental, em uma unidade escolar de Geminiano, no estado do Piauí, teve como conteúdo ministrado “A Dinâmica da Terra”.

As falas transcritas da gravação da aula, estão categorizadas e apresentadas dispostas no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1. Listagem das falas observadas em sala de aula durante uma aula de Ciências em turma de 7º ano do ensino fundamental e categorias do Sistema de Análise de Interação em Sala de Aula de Flanders

Diálogo professor-aluno	Categoria s
1. Professor: pede aos alunos para abrirem o livro na página 244	6
2. Professor: Vocês acham que no fundo do mar existe vida?	4
3. Os alunos começam a gritar, ficando difícil identificar suas respostas	10
4. Professor mandou levantar a mão quem achava que sim	6
5. Professor pede aos alunos para fazerem silêncio	7
6. Professor: O que é um terremoto?	4
7. Professor não deu tempo para responderem	10
8. Professor: Terremoto é um tipo de tremor intenso, que ocorre na superfície terrestre devido a fenômenos geológicos que ocorrem na litosfera.	5
9. Professor: Vocês sabem que poderia causar um terremoto?	4
10. Alunos: não	8
11. Professor: a ruptura de uma rocha no interior da terra	5
12. Professor: vocês sabem o que é um maremoto?	4
13. Deu tempo aos alunos responderem, porém como ninguém soube explicar, o próprio respondeu	10
14. Professor segue com o conteúdo: somos cercados por água, mas a verdade é que não conhecem quase nada do fundo do mar	5
15. Professor: E o tsunami, vocês sabem o que é?	4
16. Alunos respondem sim coletivamente	8
17. Professor elogia a resposta dos alunos	2
18. Professor: estima-se que em todo o oceano, existam cerca de 5,5 trilhões de toneladas de sal	5
19. Professor chama a atenção dos alunos novamente	10
20. Professor: Quais os nomes dos locais? (aponta para as imagens)	4
21. Alunos respondem corretamente	8
22. Professor: Qual foi o pior tsunami que vocês já viram?	4
23. Alunos começam a falar muito alto	10
24. Professor: Tudo certo até aqui né? Podemos continuar então	5
25. Professor: recapitulando, o tsunami ou maremoto são...?	4
26. Aluno: são grandes ondas	8

27. Professor: elogia o aluno com um muito bem	2
28. Alunos conversam paralelamente em tom alto	10

Nota-se ao analisar o diálogo uma participação maior por parte do professor (72%) em relação à do aluno (12%). Porém dentre as interações aluno-professor e aluno-aluno, a que esteve mais presente foi a categoria 10 (dez) que é ‘silêncio ou confusão’, com 20% e a categoria 4 (quatro), que representa ‘pergunta feita pelo professor’. Durante a aula ministrada, a ênfase maior do professor com a realização de perguntas, demonstra a busca por estimular o engajamento do aluno na aula. Porém o destaque da categoria 10, ainda maior que a própria participação do aluno durante a aula, revela que houve dificuldades em levar a turma a uma maior interação com o conteúdo.

Quanto à relação entre participação indireta e direta do professor, obteve-se os seguintes resultados:

$$I/D = 10/8 = 1,25$$

E quanto à relação I/D revisada (I/D^*), que é dada pela razão entre a participação indireta de apoio (categorias 1, 2 e 3) e direta, mais negativas ou neutras (categorias 6 e 7) do professor, que refletem maior aproximação do professor com o aluno, obteve-se:

$$I/D^* = 1/3 = 0,33$$

É possível perceber que a participação indireta do professor é relativamente maior que a participação direta, quando se trata da relação I/D, porém isto é explicado pelo grande número de perguntas que compõem as falas indiretas.

Quando se trata da razão I/D^* (revisada), na qual retira-se as perguntas no numerador (categoria 4), e a exposição de conteúdo no denominador (categoria 5), há uma drástica redução dos valores, indicando que outras falas indiretas do professor, das categorias 1, 2 e 3, apresentaram-se muito reduzidas na aula, por exemplo quando o professor elogia a resposta de um aluno ao responder sua pergunta (categoria 2). Essa participação é importante porque ela é a base para construir uma relação de confiança entre professor e aluno que afeta o processo de ensino aprendizagem. É através dela que os professores não apenas ensinam, mas aprendem como melhor interagir e ensinar, acompanhando o progresso do entendimento dos alunos.

O trabalho de Arrigo e colaboradores (2018) traz resultado semelhante ao da nossa observação, onde foi perceptível momentos em que o professor não espera pelo tempo que é necessário para que algum aluno fale alguma coisa, após uma pergunta. Esse modo de agir tem total influência na relação do professor/aluno, causando aos alunos pensamentos

negativos, de desatenção ou desvalor, e acaba dificultando mais ainda o aluno a interagir e melhorar todo o diálogo e relação entre os dois.

No entanto, Arrigo e colaboradores (2020) observaram que a professora estagiária promoveu um discurso mais reflexivo em uma aula, fornecendo tempo para que os alunos pensassem e expressassem suas ideias a respeito do conteúdo abordado na aula. Também se verificou que a estagiária elogiava e encorajava os alunos, fazendo com que eles se sentissem à vontade e confiantes para responder as perguntas. Sendo que as perguntas na maioria das vezes foram formuladas com base nas ideias dos alunos e isso fez com que os alunos se interessassem pela aula e buscassem elaborar as respostas para os questionamentos.

No que diz respeito às perguntas formuladas pelo professor, ou seja, categoria 4, estas foram classificadas de acordo com Carvalho (2012), como mostrado no Quadro 3. Foi encontrado que 1 das perguntas foi caracterizada como sem sentido, houve 1 pergunta de complementaridade, 1 pergunta que leva o aluno a raciocinar, 1 pergunta retórica e 4 perguntas com duas possibilidades de resposta.

Quadro 3. Classificação das perguntas de acordo com Carvalho (2012), com os exemplo observados na aula de Ciências no 7º ano do Ensino Fundamental

Perguntas sem sentido	<ul style="list-style-type: none"> ● 24. Professor: estão compreendendo certo? Podemos continuar então
Perguntas de complementaridade	<ul style="list-style-type: none"> ● 25. Professor: recapitulando, o tsunami ou maremoto são...? <p style="text-align: center;">○ 26. Aluno: são grandes ondas</p>
Perguntas que levam o aluno a raciocinar	<ul style="list-style-type: none"> ● 24. Professor: qual o pior tsunami que vocês já viram? <p style="text-align: center;">○ 23. Alunos começam a falar muito alto</p>
Perguntas retóricas	<ul style="list-style-type: none"> ● 6. Professor: o que é um terremoto? (Professor não deu tempo para os alunos responderem)
Perguntas com somente duas possibilidades de respostas	<ul style="list-style-type: none"> ● 2. Professor: Vocês acham que no fundo do mar existe vida? ○ Alunos: sim ● 9. Professor: Vocês sabem o que poderia causar um terremoto? ○ Alunos: Não ● 12. Vocês sabem o que é um maremoto? ○ Não souberam responder ● 15. Professor: e o tsunami, vocês sabem o que é? ○ Alunos: sim

Ao analisar as perguntas, percebe-se que apenas duas eram mais conceituais, a pergunta de complementaridade e retórica. Este tipo de pergunta, pode afastar o aluno das interações, pois demanda a ideia de uma resposta mais específica e correta sobre o tema. A maioria das perguntas era sobre a opinião e experiências de vida dos alunos de conhecimento do tema, o que provavelmente gerou interesse, curiosidade e maior participação durante a aula, como as perguntas com duas possibilidades de resposta. Por fim, mesmo a pergunta que pode ser classificado como “que leva a raciocinar”, não afasta o aluno, pois se trata de informação das vivências destes, e não diretamente sobre conteúdos mais específicos.

Segundo Lorencini Jr. (2000), na construção de um discurso reflexivo o professor tem a tarefa de favorecer o surgimento de interações argumentativas, logo, as perguntas por ele elaboradas precisam exigir do aluno uma atitude ativa e mental reflexiva na busca de suas respostas como um processo resultante de seu próprio conhecimento. Se o professor não favorece, não busca instigar os alunos a interagirem, causando neles essa reflexão e tentando trazê-los para o contexto da aula, os alunos provavelmente não conseguiram buscar isso sozinhos. Neste processo, a comunicação e a disponibilização de tempo para os alunos falarem são de suma importância. O diálogo entre aluno e professor é algo essencial, pois com uma boa comunicação gera confiança e fortalece vínculos, assim os alunos se sentem bem mais confiantes em expor seus pensamentos e ideias.

Para o tema da aula ministrada (A dinâmica da terra), pontua-se que este poderia ser abordado com materiais alternativos, para que houvesse um maior envolvimento dos alunos, como por exemplo, com o uso de vídeos e imagens, de forma dinâmica, facilitando o entendimento e provavelmente gerando diálogos entre professor e aluno, com maior possibilidade de também promover consequentemente aprendizado. Além disso, é possível, a partir do resgate de notícias já ouvidas na mídia, gerar várias discussões que engajem os alunos, e os levem a aumentar o interesse, por exemplo, porém ampliando e aprofundando este conhecimento.

É importante ressaltar que a análise realizada, por se tratar uma aula de cinquenta minutos, de um único dia do ano letivo, não é suficiente para descrever ou afirmar com exatidão as necessidades de uma sala de aula, do mesmo modo que os dados recolhidos são insuficientes para indicar ou concluir sobre a relação de professor-aluno, quanto a esta turma em específico, ou mesmo generalizar para demais. Porém gera uma percepção da vivência prática da sala de aula, juntamente com os desafios demonstrados ao longo da condução do

conteúdo.

Considerações Finais

A observação da aula, embora de forma pontual, contribuiu para a análise prática de métodos que são utilizados nas interações verbais por professores, que muitas vezes não abrem espaço para uma participação ativa do aluno, desta forma limitando a interação dos estudantes.

É de fundamental importância o desenvolvimento de pesquisas voltadas ao assunto interação verbal em sala de aula, pois quando analisada de forma objetiva, em categorias, permite perceber quais pontos podem estar mais deficitários, em conjunto a análise do contexto, e assim identificar melhores abordagens do discurso em sala de aula.

Por meio destas análises mais professores passam a perceber a necessidade de utilizar aulas mais discursivas, pois elas permitem um contato mais próximo entre professor e aluno, para que assim eles possam desenvolver e aperfeiçoar essa relação juntos, e desenvolver os aspectos educacionais centrais nos cidadãos sociais.

Referências

ARRIGO, V.; ASSAI, N. D. S.; BROIETTI, F. C. D.; LORENCINI JÚNIOR, A. Análise das interações verbais professor-aluno: implicações para a construção de um discurso reflexivo. **Revista de Educação em Ciências e Matemática**, [S.l.], v. 14, n. 32, 48-70, 2018.

ARRIGO, V.; GIULI, C. M.; BROIETTI, F. C. D.; LORENCINI JÚNIOR, A. Interações discursivas em aulas de química: caracterização de um discurso reflexivo. **e-Mosaicos - Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira**, [S.l.], v. 9, n. 22, set-dez/2020.

BUENO, S. M. V. Pedagogia e saúde da esperança. **Revista Expressão Feedback**, Ribeirão Preto, ano 6, n. 70, p. 6-10, jun/2003.

CARVALHO, A. M. P. **Os estágios nos cursos de licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

FERNANDEZ, A. Psicopedagoga. **A inteligência aprisionada: Abordagem Psicopedagógica Clínica da Criança e sua Família**. Porto Alegre: Editora Artmed. 1991.

FLANDERS, N. A. **Analyzing Teaching Behavior**. Reading, MA, USA: Addison-Wesley Publishing Company, 1970.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GÓMEZ, A. I. P. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LORENCINI JUNIOR, A. **O professor e as perguntas na construção do discurso reflexivo em sala de aula.** Orientador: Myriam Krasilchik. 2000. 243f. (Tese de Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2000.

REY, F. G. **Comunicación, Personalidad y Desarrollo.** Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1995.

VASCONCELLOS, C. **Avaliação:** concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 15.ed. São Paulo: Libertad, 2005.

UTILIZAÇÃO DE EXPERIMENTOS NO ENSINO DE ÓPTICA EM TURMA DO 9º ANO



*Isabel Cristina Pereira da Silva¹
Ediele Oliveira De Sousa Moura¹
Umbelina Rodrigues Gonçalves¹
Daniela Correia Grangeiro²*

RESUMO SIMPLES:

O modelo de ensino centrado no conteúdo exacerbado e a carência de materiais eventualmente importantes aos alunos têm como consequência um aprendizado mecânico com recursos que têm pouca ou nenhuma relação com conceitos relevantes. Há um consenso que em algumas escolas brasileiras, o ensino puramente teórico e livre, centrado nas narrativas dos professores e na passividade dos alunos, leva diretamente à baixa qualidade do corpo discente. Sendo assim, ao realizar atividades experimentais, alunos e professores compartilham um espaço de interação direta com os fenômenos naturais, contribuindo assim para melhorias significativas na formação dos alunos, expandir a interação do aluno com o mundo dos objetos e o das linguagens simbólicas. Diante disso, este trabalho teve como objetivo geral analisar as contribuições que o emprego de atividades experimentais proporciona para o ensino e aprendizagem em óptica. O projeto foi aplicado na Unidade Escolar Miguel Lidiano, Localizada no Bairro Junco, Picos-PI, pelos alunos do 5º período do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, com os alunos do 9º ano “B” do Ensino Fundamental II, faixa etária de 14 a 16 anos, turno tarde. O tipo de pesquisa utilizada foi quali-quantitativa. As aplicações foram em dois momentos, o primeiro momento consistiu em investigar o conhecimento prévio dos alunos em relação ao conteúdo ministrado. Foi aplicado um questionário com oito questões fechadas. No segundo momento, foi ministrada aula teórica expositiva do tema óptica, fazendo uso de experimentos, finalizando assim com a reaplicação do questionário como forma de avaliar o conhecimento adquirido. Os resultados coletados através dos questionários foram positivos, onde em uma turma composta por 21 alunos, 17 estavam presentes no momento da coleta de dados, e destes contabilizou-se 86,02% de respostas certas em comparação com o questionário prévio que só foram 32,34% de acertos. Pode-se afirmar então, que a utilização da experimentação no ensino de ciências desempenha um papel importante para se alcançar uma aprendizagem significativa, sendo uma ferramenta didática de ensino capaz de proporcionar a união entre teoria e prática.

Palavras-chave: Metodologia ativa; Experimentação; Ensino de Ciências; Óptica, Picos.

¹Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Doutora em Zoologia pela UFPB e Professora do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

A APLICAÇÃO DE DINÂMICAS NO ENSINO DE EVOLUÇÃO DOS SERES VIVOS EM TURMA DO 9º ANO



*Marcos Antônio de Sousa Silva¹
Ivan Egídio de Moura Fé¹
Bárbara Marina da Silva Oliveira²
Raimundo Nonato Sousa Neto¹
Daniela Correia Grangeiro³*

RESUMO SIMPLES:

A Teoria da Evolução Biológica deve ser trabalhada nas escolas de forma clara e objetiva, fazendo integração com outros conhecimentos, associando à análise de diferentes noções que professores e alunos têm a respeito deste tema, para não entrar em conflito. É necessário que o docente tenha consciência a respeito de suas próprias convicções, dentro de um tema, levando os estudantes a uma reflexão sobre os caminhos que podem ser traçados para que se alcance um processo de ensino/aprendizagem voltado para o conhecimento científico. Há uma grande necessidade e importância de se trabalhar a origem e evolução da vida nas escolas, também como recomendação pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A fim de ampliar, desenvolver e aperfeiçoar ainda mais a compreensão e estimo dos alunos sobre a diversidade biológica. O presente projeto foi desenvolvido na Unidade Escolar Miguel Lidiano, localizada no Bairro Junco, no município de Picos-PI, com alunos do 9º ano “A” do ensino fundamental II, da faixa etária de 14 a 16 anos, turno tarde, no dia 19 de dezembro de 2022, pelos alunos do 5º período do curso de Ciências Biológicas da UESPI-Picos. Este trabalho teve como objetivo geral facilitar o ensino-aprendizado dos alunos sobre o conteúdo “A evolução dos seres vivos”. O tipo de pesquisa utilizada foi qualiquantitativa. A metodologia de aplicação foi de uma aula, de duração de 50 minutos, sendo que, no primeiro momento, foi ministrado o conteúdo expositivo sobre esse assunto com o objetivo de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos. No segundo momento da aula, a turma foi dividida em dois grupos, e foram aplicadas quatro atividades: 3 dinâmicas sobre os devidos temas abordados em sala, sendo premiada a equipe campeã de cada dinâmica, e logo depois, um questionário de múltipla escolha, onde, os discentes tiveram um tempo de cinco minutos para responder. Os resultados coletados através dos questionários foram positivos, em uma turma composta por 25 alunos, contabilizou-se 72,8% de acertos. Neste sentido, percebe-se a necessidade e a importância de se trabalhar a origem e evolução da vida nas escolas.

Palavras-chave: Teoria da Evolução; Professores e alunos; Origem da Vida; Picos.

¹Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

³Doutora em Zoologia pela UFPB e Professora do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

EDUCAÇÃO FÍSICA

DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DA DANÇA E (RE)CONHECIMENTO CORPORAL



*Ana Lúcia Rodrigues Silva¹
Luan Gonçalves dos Santos²
Lorena Vieira de Alencar¹
Raul Oliveira Guimarães²
Luana Dantas Lima¹
Daiane Rodrigues Santos¹
Nélida Amorim da Silva³*

RESUMO EXPANDIDO

O objetivo do projeto foi fazer com que as crianças vivenciassem através do brinquedo cantado, diferentes movimentos corporais em conjunto, tendo como base a ludicidade. O movimento é extremamente importante para o aprender, principalmente nessa fase de descoberta do mundo. Entende-se que com o movimento e a interação, o aprender fica mais dinâmico para as crianças, onde irão obter conhecimento através da dança e da brincadeira, trocando entre si também experiências e aprendizados. Através da aplicação do projeto pode-se perceber que quanto mais se usa do lúdico com crianças dessa faixa etária maior será o aproveitamento do conhecimento, pois eles se interessam mais em participar. Os resultados mostraram que quando os alunos se davam conta de que eram músicas e danças que seriam apresentadas a eles, ficaram mais empolgados e energizados. Com isso, comprehende-se que os professores devem estar sempre levando essas brincadeiras interativas para seus alunos, pois desse modo irão conseguir maior participação dos alunos nas suas aulas. Além disso, tentar sempre relacionar o aprendizado e o movimento.

Palavras-chave: Movimento; crianças; interação; lúdico.

¹Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.*

²Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.*

³Doutora em Engenharia Biomédica pela Universidade Brasil e Professora do Curso de Licenciatura plena em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.*

Introdução

A escola é um importante ambiente de instigação para o educando, pois é dentro do ambiente escolar que a criança é moldada para viver em sociedade através do desenvolvimento integral adquirido na mesma. Portanto o professor possui um papel essencial no processo de ensino-aprendizagem, pois ele constantemente tem que produzir novos subsídios para o ensino dos

mesmos diante das novas tecnologias (Dessen; Polonia, 2007).

A Educação Infantil é de grande importância para o desenvolvimento do ser humano, pois é nessa fase que a criança começa a descoberta do mundo e de si mesma. Sabe-se que a criança aprende no brincar, e a escola na Educação Infantil vem introduzindo cada vez mais o lúdico na aprendizagem de tais.

Segundo Piaget (1978), a atividade lúdica é algo obrigatório para o desenvolvimento intelectual do indivíduo. Com isso, entende-se que o brincar e o lúdico não são apenas um gasto de energia na infância, mas que também enriquece o intelectual das crianças. Ele pontua que:

"O jogo e o brincar, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, proporciona uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando e brincando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil." (Piaget 1976, p.160).

Diante disso, na aplicação do lúdico temos os jogos e brincadeiras que auxiliam os professores/pedagogos na elaboração de atividades para o desenvolvimento na Educação Infantil dentro do âmbito escolar. O ato de brincar implica na vida da criança como uma forma de aprender de uma forma divertida para a mesma, é algo que é feito com prazer. É desfrutando da brincadeira que a criança também aprende, e que se é estimulado vários aspectos, tanto sociais quanto cognitivos que são essenciais para o seu desenvolvimento como um ser sociável. Nesse sentido se faz necessário ressaltar a importância do lúdico na vida de cada um (Machado, 2021).

O presente trabalho justifica-se pela necessidade que alunos do ensino infantil têm de conhecer e reconhecer o próprio corpo, trazendo o lúdico através de brincadeiras e danças, pois segundo Piaget é nessa fase que a criança começa a associar palavras a objetos ou coisas. O objetivo foi propor maneiras de (re)conhecimento corporal de maneira lúdica, desenvolvimento motor e do raciocínio.

Material e Métodos

Para realização da aplicação das danças foi escolhida a creche Municipal Doroteia Cristo Oliveira da cidade de Picos-PI com crianças de 3 a 5 anos. Com duração de 3 horas e com o total de aproximadamente 30 alunos. As atividades foram desenvolvidas no pátio coberto da escola. As professoras de cada sala direcionaram as crianças em filas para que se posicionassem no pátio de forma organizada.

Foram desenvolvidas danças com o objetivo de inter-relacionar ao movimento,

aprendizado e diversão. Segundo a Base Nacional Curricular Comum, as danças devem ser empregadas desde as fases iniciais da educação básica, devido a sua relação direta com melhora na flexibilidade, coordenação motora, noções de espaço, lateralidade, postura, consciência corporal, dentre outros. Mediante a isso, foram executadas as seguintes músicas: morto vivo, música partes do corpo de Caninopolis e a música estátua da Xuxa.

Resultados e discussão

O projeto foi aplicado a crianças de 3 a 5 anos de idade na creche Municipal Doroteia Cristo Oliveira na cidade de Picos-PI, de forma presencial com todas as crianças presentes no dia da apresentação. Inicialmente foi feita a apresentação do grupo, conforme Figura - 1. Logo em seguida foram feitas perguntas como: Vocês gostam de brincar? Vocês gostam de dançar? Querem que a gente coloque uma música para dançarmos? Vocês conhecem as partes do seu corpo? conforme Figura - 2.

Figura 1- Apresentação do grupo



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Figura 2 - As danças com as crianças



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Na escola há um predomínio de atividades e encaminhamentos puramente pedagógicos que fortalecem o trabalho com os corpos presos em carteiras, controlados e enfileirados. As inúmeras formas de expressão e de interatividade não pertencem mais ao espaço escolar. As regras e os deveres da sala de aula, ou, podemos dizer, da escola, sobrepõem-se aos reais valores que se pregam na educação, que deveriam ser o de proporcionar vivências e experiências de aprendizagens (Surdi; Melo; Kunz, 2016). Os jogos e brincadeiras do presente projeto nesse contexto conseguiram resgatar nas crianças possibilidades que transcederam os limites da imaginação

Na revisão sistemática de Gadelha *et al.* (2021) afirmam que quando o foco escolar é a de aceleração da alfabetização, há uma negligência e sufocamento do brincar no espaço escolar e ressaltam que o brincar é uma grande fonte de desenvolvimento e aprendizagem. No ato de brincar

a criança percebe para depois pensar e se organizar diante da realidade. Doa-se por completo numa relação que é dialógica e corporal com o mundo.

No projeto, pode-se analisar que parte dos alunos presentes nas danças e brincadeiras já possuíam uma noção ao que se referia as partes de seus corpos. Tal análise foi feita mediante perguntas feitas individualmente sobre forma de brincadeira, como: Você gostou das brincadeiras? Você sabe me dizer onde fica sua orelhinha? Você quer brincar mais? Como resultado notou-se que utilizar o lúdico como ferramenta de ensino para crianças dessa faixa etária maximiza o aprendizado e a utilização de brincadeiras interativas ajuda no controle e envolvimento da turma. Ao final houve um momento com a chegada do papai Noel, conforme Figura – 3, que as crianças gostaram muito. Percebeu-se também que a aplicação de algo mais dinâmico ajudou a prender a atenção dos alunos por mais tempo, desenvolvendo assim aspectos físicos, cognitivos e sociais.

Figura 3- O papai Noel



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Conclusão

Concluiu-se que a ludicidade presente no uso das danças e do brinquedo cantado é grande aliada para essa fase inicial do desenvolvimento infantil, pois, além de melhorar a interação social entre elas, movimentar o corpo, proporciona momentos que deixam memórias prazerosas e divertidas, fortalecendo assim a sua autoestima e o sentimento de pertencimento.

Além disso, houve intensa participação dos alunos, aumentando o vínculo professor-aluno. Entende-se que o professor com o seu papel de ampliar o universo de habilidades, experiências, conhecimentos e de novas aprendizagens, devem sempre estar utilizando o lúdico como uma melhor ferramenta de ensino para crianças, pois assim seus alunos irão se divertir e aprender ao mesmo tempo, trazendo benefícios para ambos.

Referências

As partes do corpo – **CANINÓPOLIS**. Produção de Hey, Dog! Studios e direção de Renker Amantéa. Caninópolis, 2019. 1 vídeo (2:06 min). Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=1OaivOTqMkc&feature=share>. Acesso em: 30 de novembro de 2022.

DESEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. Family and school as context for human development. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 17, p. 21-32, 2007.

Dança das cadeiras. Produção de Xuxa Prom. E Prod artísticas Ltda, 2011. 1 vídeo (2:13 min). Disponível em: <https://youtu.be/mlAuZN79BzI>. Acesso em: 30 de novembro de 2022.

Estátua. Produção de Xuxa Prom. E Prod artísticas Ltda, 2015. 1 vídeo (1:43 min). Disponível em: <https://youtu.be/b1dYkXjj-1o>. Acesso em: 30 de novembro de 2022.

GADÊLHA, George Tawlinson Soares *et al*. O brincar na educação física infantil: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 54014-54028, 2020.

MACHADO, Esmirna Silva Rezende. **Corpo, aprendizagem e movimento**: um diálogo com a docência na educação infantil. 2021.

Moranguinho 102 – **O feliz natal da moranguinho**. Produção de WildBrain em português, 2013. Disponível em: <https://youtu.be/QPb5y5NslHg>. Acesso em 5 de dezembro de 2022.

PIAGET, J. Psicologia e pedagogia. Rio de Janeiro: Forense, 1976

SURDI, Aguinaldo Cesar; DE MELO, Jose Pereira; KUNZ, Elenor. O brincar e o se-movimentar nas aulas de educação física infantil: realidades e possibilidades. **Movimento**, v. 22, n. 2, p. 459-470, 2016.

BRINCANDO E APRENDENDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



Aparecida Camila Silva Andrade¹
Erivan Pedro de Lima Filho²
Gabriel José de Araújo Carvalho²
Hellen Caroline Borges de Sousa¹
Patrícia Ribeiro Vicente³

RESUMO SIMPLES:

O projeto Brincando e aprendendo foi realizado durante a disciplina de Práticas Pedagógicas I, do curso de Licenciatura Plena em Educação Física com o 9º ano do Ensino Fundamental de 29/11/2022 a 23/12/2022 na escola Coelho Rodrigues na zona urbana de Picos/PI, no turno da tarde. As atividades realizadas na escola foram de observação, planejamento e intervenção, foram realizadas durante o projeto competições, jogos e brincadeiras. As brincadeiras são de suma importância para a vida das pessoas, pois ajudam no desenvolvimento de diversas habilidades afetivas sociais e motoras. No âmbito escolar os jogos e brincadeiras tradicionais tem o papel de propagar a cultura por um meio mais descontraído e divertido do que ficar apenas lendo livros de história, além de proporcionar experiências incríveis na vida dos educandos, despertando até o interesse para buscarem aprender mais sobre a cultura de outros jogos. A execução do projeto durante essas três semanas nos fez notar o quanto importante é o profissional de educação física nas escolas, para que os alunos tenham desde cedo o contato com boa parte dos esportes e façam atividades físicas que irão agregar de forma direta a vida desses futuros adultos. O projeto influenciou de forma positiva nossa trajetória como docente, pois tivemos a oportunidade de ver a realidade das escolas públicas e o quanto nossa futura profissão pode mudar a vida dessas crianças, tornando as suas experiências do dia a dia mais prazerosas, consequentemente teremos crianças saudáveis e com bom desenvolvimento motor. Concluiu-se que a educação física tem a finalidade de auxiliar no desenvolvimento do alunado, e deve ser prioridade no âmbito escolar, promovendo o desenvolvimento psicomotor. E as escolas são um dos principais meios educacionais com eficiência para a realização desta prática. As atividades físicas contribuem na melhoria da qualidade de saúde e na prevenção de doenças para todos os públicos, garantindo a longevidade, através dos benefícios fisiológicos, psicológicos e sociais.

Palavras-chave: Educação física; Jogos; Projeto; Escolas; Cultura.

¹Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

²Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

³Mestre em Saúde Coletiva (UNIFOR) e Professora do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

PRÁTICA PEDAGÓGICA II: O LÚDICO ATRAVÉS DA PINTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL



Éber José de Sousa Soares¹
Eduardo Henrique de Freitas Sousa¹
Elba Amanda Leal Sousa²
João Felipe Soares Pinheiro¹
João Francisco Sousa de Sene¹
Luana Barros Silva²
Nélida Amorim da Silva³

RESUMO EXPANDIDO:

O presente trabalho é o relato de experiência de um projeto de prática pedagógica executado em uma creche localizada na zona urbana da cidade de Picos/PI, pelos alunos do III bloco do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Professor Barros Araújo. As turmas do ensino infantil III, IV e V foram contempladas e as crianças tinham entre três e cinco anos de idade. O objetivo principal do projeto foi proporcionar vivências lúdicas através da pintura corporal de pelo menos uma fruta, previamente citada na brincadeira, a ser escolhida pela criança. Através disso, foi possível estimular, além da coordenação motora fina, o lado cognitivo e social das crianças. É relevante ressaltar a importância da utilização dos jogos e brincadeiras no processo pedagógico, pois os conteúdos podem ser ensinados por intermédio de atividades predominantemente lúdicas, oportunizando um aprendizado efetivo para este público. Na educação infantil aspectos como a criatividade e a ludicidade fazem parte do processo de ensino-aprendizagem e que a pintura corporal pode ser utilizada como estratégia de ensino, pois dá a criança a possibilidade e experiência de explorar diferentes sentimentos, cores, linhas e formas.

Palavras-chave: Lúdico; Pintura; Educação Infantil; Educação Física.

¹Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

³Doutora em Engenharia Biomédica pela Universidade Brasil e Professora do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

Introdução

Unir a observação do convívio escolar com uma organização planejada do conteúdo adequado abre a possibilidade da criança de um aprendizado significativo (Braga, 2016).

A educação lúdica permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real,

pois o brincar pode ser visto como uma forma mais pura de inserção da criança na sociedade, a qual se dá através de jogos, brincadeiras e brinquedos. Através da criatividade e das descobertas, as crianças conseguem se expressar, compreender, criticar, analisar e transformar a realidade. Dessa forma, se bem construída, compreendida e aplicada, poderá favorecer uma melhoria do ensino, seja no âmbito psicomotor e social, como também na formação dos valores do educando e contribuindo em uma melhora no relacionamento das pessoas na sociedade (Dallabona, 2004).

A Educação física é um componente curricular presente na Educação Infantil, através dos direitos de aprendizagem e seus desenvolvimentos, a partir dos campos de experiências, devido a sua importância para o desenvolvimento motor da criança (Brasil, 2017). Assim como ressalta Gadelha (2020), que a linguagem, emoção, corporeidade e a interação com outros indivíduos são alguns dos fatores que justificam a intervenção do professor de Educação Física na Educação Infantil.

A importância das pinturas no desenvolvimento cognitivo da criança se dá nas condições proporcionadas para que essa possa se expressar por meio de diferentes formas de linguagem, alcançando uma sensibilidade no brincar coletivo e na expressão corporal através das pinturas. Além disso, auxilia no desenvolvimento da coordenação motora, incentiva na percepção das cores e desenvolve a parte da criatividade, pelo fato da expressão artística está ligada totalmente à imaginação (Parise, 2021). Portanto, o objetivo do presente projeto foi proporcionar vivências lúdicas que estimulasse a criança nos domínios motor, cognitivo e social através de pinturas corporais em crianças de 3 a 5 anos da Creche Doroteia Cristo de Oliveira, na cidade de Picos.

Material e Métodos

A primeira visita à escola foi a apresentação do projeto de prática pedagógica II à direção e coordenação da Creche Doroteia Cristo de Oliveira, localizada na zona urbana da cidade de Picos/PI. Após a autorização da direção, os discentes se dirigiram até às salas de aula para conversarem com as professoras e conhecerem as crianças. As turmas contempladas foram as do infantil III, IV, e V, em um total de seis turmas, sendo duas de cada série, regularmente matriculadas no turno da tarde. As crianças tinham entre três e cinco anos de idade.

O segundo encontro foi a realização da principal atividade do projeto, onde foi realizada a pintura nas mãos e braços das crianças, de algumas frutas que seriam citadas em uma historinha de Natal ao final do projeto: limão, laranja, uva e morango. Foram utilizadas tintas atóxicas nas cores vermelha, roxa, verde e laranja; além disso, pincéis e os moldes das referidas frutas previamente confeccionados em isopor e papel. As crianças foram trazidas pelas suas professoras para a área

coberta. Lá os discentes explicaram a atividade e convidaram as crianças a participarem. Ao final da atividade as crianças lancharam e depois voltaram para as salas de aula.

Resultados e discussão

Obteve-se autorização de uma tarde para a realização do projeto, onde contemplasse todas as turmas do ensino infantil. Isto se deu em virtude de mudanças no calendário escolar e as diferenças entre o período letivo da UESPI e educação básica municipal, ainda reflexo da pandemia que desconfigurou períodos letivos e as férias escolares, especialmente da UESPI. Atividades realizadas no turno da tarde tiveram uma média de 3 horas de duração, com um público de aproximadamente 30 crianças.

De acordo com Dallabona e Mendes (2004), o lúdico na educação infantil, tem por objetivo oportunizar ao educador a compreensão do significado e da importância das atividades lúdicas na educação infantil, procurando provocá-lo, para que insira o brincar em seus projetos educativos, tendo intencionalidade, objetivos e consciência clara de sua ação em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem infantil. No presente estudo foi observado que, apesar de serem alunos da educação infantil, sem muito contato anteriormente com atividades coletivas, eles souberam compreender a atividade, e houve cooperação e participação de todas elas, inclusive as crianças com transtorno de espectro autista.

Gadelha *et al.*(2020) enfatiza que a observação do brincar, em ambiente natural ou controlado, garante que essa espontaneidade da criança seja acessada, sendo possível caracterizar o contexto no qual ela brinca, bem como efetuar o controle de outras variáveis que possam interferir na natureza do brincar. Na escola, elas admiravam as cores e os formatos das frutas em que tinham sido feitas (Figura 1); dançaram muito ao som das músicas que representavam cada frutinha pintada (Figura 2). Ao final ouviram a história das frutas, que, por ser antes do período natalino, foi adaptada para este tema (Figura 3).

Figura 1- Pintura nas mãos e braços das crianças



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Figura 2- A dancinha das frutas



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Figura 3- A historinha das frutas



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Considerações Finais

Concluiu-se que, apesar dos imprevistos ocorridos no dia da execução do projeto, obtiveram-se resultados positivos. O processo de pesquisar sobre o tema e confeccionar materiais provocou reflexões sobre o cuidado com a elaboração de futuras atividades. Nessa faixa etária é

preciso de um pouco mais de atenção e carinho, a boa relação professor-aluno promove sem dúvidas, um melhor ambiente de aprendizagem, e esta, por sua vez, especialmente para este público deve ser permeada de ludicidade.

Referências

BRAGA, T. M. de. **Educação física na educação infantil:** o caso da construção de uma proposta pedagógica em escola pública de educação infantil de Porto Alegre/RS. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação Física)-Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** ensino fundamental. Brasília, MEC/SEF, 2017.

DALLABONA, S. R. MENDES, S. M. S. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 1, n. 4, p. 107-112, 2004.

GADÊLHA, George Tawlinson Soares et al. O brincar na educação física infantil: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 54014-54028, 2020.

PARISE, D. da S. C. **A importância da pintura com tinta na Educação Infantil.** Secretaria Municipal de Educação, 2021. Disponível em: <https://educacao.curitiba.pr.gov.br/noticias/a-importancia-da-pintura-com-tintanaeducacao-infantil/21936#:~:text=Al%C3%A9m%20de%20estimular%20os%20sentidos,estar%20ligada%20totalmente%20%C3%A0%20imagina%C3%A7%C3%A3o.> Acesso em: 12 nov. 2022

ESTÁGIO SUPERVISIONADO III EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA



Airton Junior Santos Sousa¹
Ana Luiza Gonçalves de Sousa²
Daline Gonçalves da Silva²
Henrique Dantas Santos¹
Nélida Amorim da Silva³
Patrícia Ribeiro Vicente⁴

RESUMO EXPANDIDO:

O estágio supervisionado é o momento em que o discente põe em prática tudo o que foi aprendido ao longo do curso, o mesmo participará de experiências e da realidade em uma sala de aula. O objetivo do presente trabalho é relatar sobre as experiências vividas no estágio. O estágio foi desenvolvido na Unidade Escolar Teresinha Nunes, Rua Nossa Senhora de Fátima, Picos-PI, realizado no ensino fundamental II (6º ao 9º ano), nos horários da manhã e da tarde. Conclui-se que a importância do estágio supervisionado é imprescindível para a futura vida profissional do acadêmico, pois, a experiência facilitará lidar com possíveis maiores desafios no mercado de trabalho.

Palavras Chaves: Educação Física; Ensino Fundamental II; Estágio Supervisionado; Formação Discente.

¹Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

²Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

³Doutora em Engenharia Biomédica pela Universidade Brasil e Professora do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

⁴Mestre em Educação pela UFPI e Professora do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

Introdução

O estágio supervisionado possibilita conhecer, experimentar e vivenciar a Educação Física no contexto escolar, assim como alguns obstáculos encontrados, de modo a refletirmos sobre o caminho que queremos seguir; com a realidade da instituição escolar a partir das práticas, da observação, da participação e da docência (Bloemer *et al.* 2019). É o momento inicial de aproximação com o ambiente escolar; e tem três momentos distintos: observação, participação e regência. Nessas fases que o discente presencia a realidade da escola em todos seus aspectos e tem a oportunidade de avaliar as teorias aprendidas ao longo do curso, buscando sempre relacionar a teoria com a prática (Cruz *et al.*, 2023).

Segundo Carvalhinho e Rodrigues (2004) a realização de um estágio pedagógico é vista pelo aluno estagiário como o momento mais marcante e com maior significado na sua formação como futuro profissional educativo, devido aos imensos desafios que ele encontra. O trabalho tem como objetivo relatar a experiência discente durante o estágio supervisionado, apontando as realidades encontradas no contexto escolar.

Metodologia

O estágio foi desenvolvido na Unidade Escolar Teresinha Nunes localizada na zona urbana da cidade de Picos/PI. Foi realizado no ensino fundamental nos anos finais do ensino fundamental, séries do 6º ao 9º ano A metodologia consistiu em três fases: observação, participação e docência.

Os primeiros momentos foram caracterizados por observação do ambiente escolar quanto à sua estrutura, profissionais, documentos e de como ocorrem as rotinas das aulas na escola. Nessa fase, pudemos observar o funcionamento da escola, os documentos que são produzidos para seu bom funcionamento, as rotinas de sala de aula, o que proporciona o primeiro contato com as turmas e dessa forma identificar suas principais características, com base nos comportamentos dos alunos e na postura, o desenvolvimento do trabalho de um professor com o aluno. No segundo momento aconteceu a participação nas atividades juntamente com a professora foi decidido a criação de um interclasse de futsal e queimada. Os materiais utilizados foram bolas, apitos e cronometro.

Além do mais em todas as aulas era trabalhado o futsal e a queimada. A grande dificuldade era a realização das aulas práticas para preparação dos alunos, pois o colégio não tinha quadra, o que dificultou as aulas, pois tínhamos receio de que os alunos caíssem e se machucassem. Logo após foi necessário se deslocar da escola para uma quadra oferecida por outra escola para o treinamento do campeonato. O interclasse (Figura 1) aconteceu entre os dias 21\11 2022 a 28\11\2022 nos turnos manhã e tarde, organizado pela professora e os estagiários.

Resultados e Discussões

O estágio ocorreu na Unidade Escolar Teresinha Nunes teve como resultados de cunho social, preparatório tanto para os alunos, quanto para os estagiários, foram adquiridos conhecimentos práticos no dia a dia dentro da escola, os quais irão servir futuramente em vida profissional. Foi colocado em prática todo o conhecimento teórico aprendido no decorrer da graduação e também serviu como forma de aprendizado a prática em si, pelos desafios impostos durante o estágio curricular a ter que se moldar perante as dificuldades encontradas.

De acordo com Zotovici *et al.* (2013) formação acadêmica necessita ser reflexiva e crítica, mantendo-se a qualidade de ensino. Portanto, os campos conceituais de formação servem de

balizadores, partindo do conhecimento científico e pedagógico no processo de aprendizagem transdisciplinar e, na construção e produção de conhecimento, considerando que a formação do professor e do profissional de Educação Física possui uma característica que lhe é peculiar a respeito do corpo de conhecimento e sua prática, o que leva à compreensão sobre a necessidade de pensar os campos de entrelaçamento e tensão entre teoria e prática.

Segundo Isse e Molina Neto (2016) o estágio possibilita questionamentos acerca da perspectiva motora, estanque e utilitária, ainda tão presente na Educação Física escolar. Ainda, segundo ela, há necessidade de enfrentar as questões evidenciadas pelo seu estudo, entre elas, a compreensão de que o estágio é um momento de colocar em prática os conhecimentos adquiridos nas disciplinas técnico-instrumentais. Precisamos enfrentar o fato de que o estágio, muitas vezes, privilegia as ações de teor utilitário, o cumprimento da carga horária e de exigências burocráticas em detrimento da reflexão pedagógica e epistemológica.

O estágio proporcionou a todos uma maneira de enxergar as dificuldades existentes nas escolas, sendo que cada unidade apresenta uma deficiência diferente da outra, seja em questão de espaço para a realização das atividades práticas, a carência de matérias para uma aula teórica e assim por diante. No final de tudo, o que se teve de mais resultados foi a experiência adquirida para driblar essas barreiras e poder oferecer uma aula fundamentalmente correta e proporcionando o aprendizado ideal para os alunos.

Figura 1- Jogos interclasse



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Considerações finais

O estágio supervisionado é essencial para a formação do discente, visto que é durante esta experiência que o discente põe em prática tudo o que foi visto até o momento de sua formação. O discente enfrenta diversas dificuldades, como: falta espaço, de materiais, vários alunos com personalidades, culturas e pensamentos diferentes. A teoria é diferente da prática, então, o estágio é importante para a formação do acadêmico.

Referências

BLOEMER, C. R.; AMORAS, E. G.; PEREIRA, J. de S.; SANTOS, J. M. de D. dos; SILVA, L. da; SILVA, R. L. da; GALVÃO, E. F. C. Educação Física Escolar: relato de experiência vivenciado a partir do Estágio Supervisionado I no Ensino Infantil e Fundamental. **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 6, 26 de março de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/6/educacao-fisica-escolar-relato-de-experiencia-vivenciado-a-partir-do-estagio-supervisionado-i-no-ensino-infantil-e-fundamental>

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: ensino fundamental. Brasília, MEC/SEF, 2017.

CARVALHINHO, L.; RODRIGUES, J. (2004). **Formação Desportiva**. Perspectivas de Estudo nos Contextos Escolar e Desportivo. Lisboa: Edições FMH.

MEC/SEF, 1997

CRUZ, Claudete Robalos da *et al.* **Programa de residência pedagógica**: a contínua aprendizagem da docência em comunidades de prática mediante interlocuções entre Universidade e Escola. 2023.

ISSE, Silvane Fensterseifer; MOLINA NETO, Vicente. Estágio supervisionado na formação de professores de Educação Física: produções científicas sobre o tema. **Journal of Physical Education, Maringá**, v. 27, n. 1, 2016.

ZOTOVICI, Sandra Aparecida *et al.* Reflexões sobre o estágio supervisionado no curso de licenciatura em educação física: entre a teoria e a prática. **Pensar a prática**, v. 16, n. 2, 2013.

.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA



José Eduardo dos Martírios Luz¹

Marina Gonçalves Leal²

Paloma Mendes de Araújo Silva Borges²

Nélida Amorim da Silva³

Patrícia Ribeiro Vicente⁴

RESUMO EXPANDIDO:

O Estágio Curricular Supervisionado é caracterizado como um ambiente de formação compartilhada, estreitando os laços entre as universidades e as escolas de ensino básico. Desta forma, os estagiários têm experiências na Educação Física Escolar, com a finalidade de desenvolver o corpo através do movimento, proporcionando diversos benefícios, principalmente a ampliação do repertório motor dos alunos. Objetivou-se apresentar as vivências do estágio, realizadas por alunos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí. As atividades aconteceram em três escolas da zona urbana da cidade de Picos – PI, durante o período de outubro a dezembro de 2022, com alunos do ensino fundamental II, 6º ao 9º ano, com faixa etária de 12 a 19 anos. Composta por aulas teóricas e práticas, foram aplicados objetos de conhecimento como: lutas, esportes, jogos e brincadeiras e danças. Pode-se observar que os alunos demonstraram grande interesse nas atividades propostas e aceitaram os desafios de vivenciar práticas que não são do seu cotidiano. Bons rendimentos foram observados durante a prática e nas avaliações finais, o que motiva os professores a sempre buscar meios de realizar atividades variadas, a fim de contribuir de forma significativa no processo de formação e ensino aprendizagem dos educandos.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado; Educação Física Escolar; Ensino Fundamental; Cultura do Movimento.

¹Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

²Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

³Doutora em Engenharia Biomédica pela Universidade Brasil e Professora do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

⁴Mestre em Saúde Coletiva pela (UNIFOR) e Professora do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

Introdução

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) é caracterizado como um ambiente de formação compartilhada, estreitando os laços entre as universidades e as escolas de ensino básico (ARNT, 2019). Como campo de formação, o ECS no processo de formação profissional, é a busca pela profissionalização do ensino, sendo indispensável para a formação do acadêmico e sua identidade profissional.

No Brasil, o ECS está previsto na Lei nº 11.788/2008, que restringe o estágio para que seja realizado com a supervisão dos orientadores de estágio, devendo proporcionar experiências de situações reais, com aplicações dos conhecimentos teórico-prático adquiridos durante o curso, objetivando uma formação voltada ao contexto atual (Brasil, 2008).

Desta forma, os estagiários têm uma base do como trabalhar a Educação Física Escolar, com a finalidade de trabalhar o corpo através do movimento, proporcionando lazer, cultura e expressão dos sentimentos, além da ampliação do repertório motor dos alunos. Diante da relevância do tema, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as vivências de Estágio Curricular Supervisionado trabalhados nas séries finais do ensino fundamental, trabalhados pelos alunos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí.

Material e Métodos

Os estágios supervisionados foram desenvolvidos em três escolas situadas na zona urbana da cidade de Picos – PI, sendo elas: Unidade Escolar Coelho Rodrigues, Unidade Escolar Julieta Neiva Nunes e Unidade Escolar Ozildo Albano. Os mesmos foram realizados entre os meses de outubro a dezembro de 2022, nos turnos matutino e vespertino, com os alunos do ensino fundamental II, anos finais, do 6º ao 9º ano, com faixa etária de 12 a 19 anos.

Durante o período de realização dos estágios nas referidas escolas, algumas etapas/fases foram executadas: 1 – Observação; 2 – Planejamento; 3 – Regência. Na fase de observação, os estagiários tiveram a oportunidade de acompanhar o cotidiano da escola, conhecer melhor a realidade de cada aluno e observar a atuação do professor supervisor em sala de aula, bem como as metodologias utilizadas e as intervenções propostas, de modo a compreender a dinâmica de trabalho na profissão e basear as suas práticas docentes.

Na fase de planejamento, os acadêmicos, juntamente com o professor supervisor de campo, realizaram o planejamento das aulas e atividades que seriam desenvolvidas na terceira etapa do estágio. E por fim, na fase de regência, que é a etapa em que os estagiários assumem de fato o papel docente e conhecem verdadeiramente a sua futura profissão, foram colocados em práticas as aulas e atividades programadas na fase anterior.

As aulas ministradas englobavam a apresentação da base teórica dos conteúdos e a exposição do aluno à vivência prática daquilo que ele aprendeu, como forma de fixar melhor o conhecimento adquirido. Nesse contexto, as aulas e atividades foram realizadas tanto em salas de aulas, como em quadras poliesportivas e/ou áreas abertas das escolas.

Para a realização das aulas, as escolas disponibilizavam de alguns materiais didáticos, como: bolas de futebol, voleibol e basquetebol; colchonetes; garrafas pets; bambolês; cones; cordas; data show; pincel atômico; folhas de papel A4; impressora digital. A partir do conhecimento desses itens, os acadêmicos estagiários, juntamente com o professor regente das turmas, pensaram as atividades que seriam desenvolvidas. Cabe ressaltar que todas as aulas e atividades realizadas seguiram o que preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para cada ano de ensino.

As unidades temáticas trabalhadas durante os estágios nas escolas foram lutas, brincadeiras e jogos, esportes e danças. Todas as atividades iniciavam com sequências de mobilidade e aquecimento, como forma de ativar a circulação sanguínea e preparar o corpo para a atividade física. Nesse sentido, dentre algumas atividades desenvolvidas, pode-se citar: postura das lutas e alongamentos específicos (Figura 1); jogos pré-desportivos do voleibol, como o volençol (Figura 2); jogos e brincadeiras de matriz africana como saltando feijões e mamba (Figura 3), entre outras. Além disso, também houve a oportunidade dos acadêmicos estagiários em participar de atividades que contemplavam o calendário escolar e também de outras disciplinas, como reunião de pais e mestres, roda de conversa sobre a Umbanda, entre outros.

Resultados e Discussão

A Educação Física Escolar tem por objetivo trabalhar e desenvolver o corpo e seus mais diversos movimentos com o intuito de lazer e cultura, expressão de sentimentos, afetos e emoções (instrumentos de comunicação). Desta forma, tornando possível a promoção, recuperação e manutenção da saúde em diversos âmbitos (físico e mental) (Brasil, 1997).

Na escola Julieta Neiva Nunes, o início foi marcado pela busca de aproximação com o professor objetivando refletir acerca de suas ações e práticas cotidianas no âmbito de ensino. Após as primeiras interações serem estabelecidas, iniciou-se o delineamento das ações que seriam vivenciadas e a prática voltada aos anos finais do ensino fundamental. Com isso, após conversas, foi estabelecido um plano sobre as atividades educativas cotidianas, suas características e seus significados. O conteúdo que estava sendo trabalhado era “a prática das lutas no mundo”.

Vale ressaltar que, ainda hoje, as lutas possuem uma visão distorcida dentro do processo de

ensino-aprendizagem e que por muitas vezes deixa confuso a sua prática na educação (Ruffino; Darido, 2015). Visto isso, foi realizado durante as primeiras aulas perguntas sobre quais eram as visões que os alunos tinham sobre as lutas e as respostas foram positivas. Alguns falavam que era uma prática que visava competições como: olimpíadas, UFC, WWE, dentre várias outras; enquanto outros diziam que eram “legais”. Contudo, por mais que não estejam erradas, as práticas corporais de combate também abrangem muito mais, como aspectos histórico-culturais tornando-as parte da cultura corporal, sendo uma das mais relevantes e elementares manifestações dessa sapiência.

Portanto, os objetivos dessas aulas foram: 1 - quebrar certos paradigmas quanto ao ensino das lutas; 2 - proporcionar novas vivências e 3 - compartilhar saberes. Pois as lutas são parte do que compõe a cultura corporal dos seres humanos e precisam ser ensinadas nas escolas, nas aulas de Educação Física (Ruffino; Darido, 2015). Nisso, as primeiras aulas foram marcadas por conteúdo histórico e as concepções dentre as diversas lutas com suas respectivas semelhanças e diferenças.

Após promover atividades de cunho teórico, teve início às práticas. No seu decorrer, foi notório o entusiasmo e cooperação dos alunos para com a aula, principalmente durante os fundamentos de soco e demonstração dos equipamentos de uso pessoal e coletivo. Por se tratar de algo novo, desafiador e de grande “curiosidade” por parte dos aprendizes, muitos conseguiram assimilar os fundamentos ensinados e até mesmo dar ideias de quais práticas queriam para as próximas aulas.

Figura 1- Ensino da postura das lutas e alongamento específico



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Apesar da dificuldade de alguns para realizar os movimentos, eles se mantiveram engajados e dispostos a aceitar a atividade, pedindo sempre para repetir os movimentos. Com isso, pode-se entender que as aulas voltadas a esse conteúdo tiveram bons rendimentos que foram

observados, não só durante a prática, mas principalmente nas avaliações finais.

Quanto à questão de incertezas e dificuldades sobre sua disseminação no ensino, é necessário sempre frisar os aspectos morais dessas atividades e deixar claro sobre sua realização. O professor deve deixar bem claro aos alunos sua perspectiva e o verdadeiro sentido das lutas. Pois as lutas não são sinônimas e muito menos combustível da violência.

Na escola Coelho Rodrigues, foram praticadas atividades diversas para estabelecer boas condições práticas no quesito repertório motor, onde as unidades temáticas trabalhadas foram “brincadeiras e jogos” e os “esportes”. Dentre as atividades realizadas, teve-se o desenvolvimento do voleibol, do handebol e a vivência de jogos e brincadeiras populares do Brasil e de matriz africana. O objetivo dessas práticas foi buscar o desenvolvimento/movimentação corporal, tendo em vista o comportamento sedentário e a falta de vivências práticas que a pandemia da Covid-19 acarretou; e, o conhecimento de novas culturas proporcionadas pela pluralidade de movimentos, pois na maioria das escolas, por muitas vezes, é vista apenas a prática do futebol ou quando o professor leciona outra modalidade esportiva, não entra na prática e fica apenas na teoria. Esses e outros desafios devem ser vencidos pelos profissionais que estão por vir.

Nesse contexto, cabe ressaltar que os alunos gostavam bastante de futebol/futsal, um dos esportes mais praticados e conhecidos pela cultura brasileira e de jogar queimada. Nas aulas práticas, a maioria deles já indagava se seria praticado o futebol/futsal, é tanto que alguns funcionários da referida escola já perguntavam a(o) estagiário(a) se não iria levar a bola de futsal porque os alunos só queriam praticar determinada modalidade esportiva nas aulas de Educação Física. No entanto, almejando superar esse impasse e promover vivências diversas, agregando mais conhecimento aos educandos, o estagiário fez uma espécie de negociação com os mesmos onde propôs ministrar os conteúdos planejados e todos participarem e alguns minutos antes da finalização da aula, eles teriam a oportunidade de praticar o que esporte ou o jogo desejado. Todos concordaram e as aulas fluem perfeitamente.

O voleibol, esporte que explora os múltiplos movimentos corporais, não só auxilia no desenvolvimento motor do praticante, como também desenvolve a autoestima, o cooperativismo, a disciplina, a organização e serve como meio de socialização entre alunos do sexo oposto. Fundado por volta de 1895, o voleibol é hoje um dos esportes mais populares do mundo (Souza *et al.*, 2010). Contudo, pouco se sabe sobre o jogo no aspecto prático. Portanto, um dos principais motivos para empregá-lo durante a regência foi para aprofundar, através da prática, os conhecimentos sobre essa modalidade com atividades pré-desportivas sem a busca pela competição. Ele se aplica a modalidade esportiva do handebol.

Figura 2- Jogo pré-desportivo do voleibol: volençol



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Quanto aos jogos e brincadeiras, buscou-se trabalhar os populares do Brasil, que almejavam a diversão e a aprendizagem, relembrar de atividades praticadas na infância e que estimulavam o desenvolvimento e/ou ampliação da consciência corporal dos movimentos, a interação social e o trabalho em equipe; e, os de matrizes africanas devido a sua riqueza e contribuição étnico-cultural (Brasil, 1997). Outro motivo da aplicação dos jogos e brincadeiras tradicionais de origem africana diz respeito ao conhecimento de muitas atividades que são praticadas no dia a dia, mas que muitos não sabem sua origem e/ou não conhecem os contextos históricos. Nesse contexto, o jogo como prática social engloba múltiplas manifestações lúdicas que tornam possível os processos educativos, e é por meio do brincar, do jogar que podemos trabalhar não só a motricidade, como também aspectos culturais e étnicos firmando o reconhecimento de povos que, na maioria das vezes, são excluídos.

Figura 3 - Jogos e brincadeiras de matriz africana: saltando feijões e mamba



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Assim, durante as aulas, tanto de voleibol e handebol quanto de jogos e brincadeiras, foi possível observar grande participação dos alunos, além do interesse nessas práticas “novas”. De acordo com Cristóvão (2018) “o desconhecido gera curiosidade, e através dela cria-se o gosto”. As vivências foram positivas e tiveram grande aquisição no sentido de conhecimento e práticas

corporais. Isso é positivo do ponto de vista letivo e gera engajamento para que os professores busquem meios de realizar diversas, mas também “novas” atividades.

No Ozildo Albano, devido ao tempo e calendário apertado, foi possível trabalhar apenas uma aula teórica de danças regionais. O restante do tempo foi utilizado para aplicações de provas e elaboração da feira cultural sobre o descobrimento do Brasil.

Considerações Finais

Portanto, as experiências vivenciadas no Estágio Curricular Supervisionado III em Educação Física, nos anos finais do ensino fundamental, foram de extrema relevância para a vida acadêmica e futuramente profissional dos estagiários, uma vez que proporciona o entendimento acerca da dinâmica de trabalho na profissão e dá suporte a estes de como basear as suas práticas docentes; e, contribuíram de forma significativa no processo de formação e ensino aprendizagem dos educandos.

Observou-se um aumento da assimilação de conhecimentos já adquiridos por parte das crianças, como é o caso das brincadeiras mamba e saltando feijões, que muitos conhecem por outras denominações e não sabiam que era contribuição dos povos africanos; e, a organização de novos conhecimentos, como é o caso da aprendizagem dos golpes de lutas.

Nesse sentido, assim como ocorreu nos estágios, é de fundamental importância que todos os profissionais da área, exponham os alunos às mais novas e diversificadas vivências corporais onde tenham contato com diversos tipos de esportes, jogos e brincadeiras, lutas, estilos de dança, ritmo, noções de espaço, culturas e outros, pois eles apresentam aspectos característicos importantes a serem trabalhados e desenvolvidos no ambiente escolar e que muito contribuem para o desenvolvimento dos educandos nas suas múltiplas dimensões: motora, física, social, intelectual, emocional, entre outras.

Referências

ARNT, V. *et al.* Estágio curricular supervisionado III em educação física nos anos finais do ensino fundamental em tempos de pandemia: reflexões necessárias. **Revista Saberes Docentes**, v.6, n.11, p. 47-55, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CRISTOVÃO, S. C.; AYOUB, E. Estágio supervisionado: aprendizados de estagiários da educação física. **Revista Triângulo**, v. 12, n. 2, p. 89-100, 2019.

RUFFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O conteúdo das lutas e a cultura corporal**. In: RUFFINO, Luiz Gustavo Bonatto & DARIDO, Suraya Cristina. O ensino das lutas na escola: possibilidades

para a educação física. Porto Alegre: Penso, 2015. Cap. 1.

SOUZA, T. M. F. de *et al.* A importância do voleibol enquanto lúdico e modalidade desportiva dentro da educação física escolar. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**, [s. l.], v. 4, n. 7, p. 115-124, 2010.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ESTÁGIO SUPERVISIONADO III



Eveline de Aguiar Orquíz¹
João Paulo Batista de Carvalho²
Maria Juliana Nogueira Leal¹
Victor Henrique Macedo Toledo²
Nélida Amorim da Silva³
Patrícia Ribeiro Vicente⁴

RESUMO EXPANDIDO:

O estágio supervisionado é um momento de preparação e aprendizagem discente para que haja uma experiência da futura profissão. O objetivo deste trabalho foi relatar as experiências vividas pelos discentes do curso de Licenciatura em Educação Física na disciplina de Estágio Supervisionado III, que foi realizado nos anos finais do Ensino Fundamental. Os estagiários foram divididos em três escolas distintas da rede municipal de ensino, situadas na zona urbana da cidade de Picos-Piauí. Foram destacados aspectos relacionados a aprendizagem através da vivência, pontos positivos, negativos e dificuldades encontradas. As etapas de estágio realizadas foram de observação, planejamento e regência. As aulas foram teóricas e práticas realizadas tanto em sala de aula como na quadra/pátio das escolas. As atividades seguiram as normas da BNCC em conformidade com cada série escolar e planejamento prévio das professoras supervisoras. O estágio foi bastante proveitoso, pois, os alunos demonstraram um grande interesse e participação nas atividades propostas pelos estagiários. Conclui-se que as experiências vivenciadas foram exitosas, além de desafiadoras e contribuíram de forma significativa no processo de ensino aprendizagem dos educandos.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Estágio supervisionado; Ensino fundamental.

¹Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

³Doutora em Engenharia Biomédica pela Universidade Brasil e Professora do Curso de Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

⁴Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Professora do Curso de Licenciatura em Educação Física.

Introdução

O estágio supervisionado é um momento de preparação e aprendizagem do docente para

sua futura profissão e onde ele terá a oportunidade de colocar em prática toda teoria aprendida em sala de aula, ou seja, estabelecer uma relação entre teoria e prática aprimorar-se como professor executando e aperfeiçoando as habilidades adquiridas ao decorrer de sua trajetória na universidade, aprender que ser professor vai muito além de apenas repassar conhecimento, esta etapa da formação do estudante é muito importante, pois oferece a oportunidade de experenciar um pouco do dia a dia de sua futura profissão (Silva; Gaspar, 2018).

O estágio oferece novas oportunidades tanto para os docentes como para professores formadores, lhes oferecendo a chance de rever duas ideias e estratégias de ensino, ou seja, novas formas de ensina e aprender (Silva Júnior *et al.*, 2021). Com tudo o aprendizado do docente se torna muito mais eficiente quando ele começa a pôr em prática todos os conceitos aprendidos em sala de aula, assim esta etapa de formação é uma grande oportunidade na formação dos estudantes por isso é dever do estagiário se conscientizar que ele deve executá-la com o maior empenho, comprometimento e responsabilidade possível (Scalabrin; Molinari, 2013).

O estágio é uma grande oportunidade de crescimento pessoal e profissional e uma experiência onde o aluno pode mostrar sua criatividade, autonomia e caráter, também é uma chance para o aluno perceber se realmente está é a profissão que deseja seguir, ou seja, está disciplina vai muito além apenas de exigências acadêmicas ela norteia o futuro do docente (Pereira *et al.*, 2019).

Tendo em vista a importância desta disciplina, este trabalho tem o objetivo de relatar as experiências vividas pelos discentes do curso de Licenciatura em Educação Física na disciplina de estágio Supervisionado III, anos finais do Ensino Fundamental, realizado em três escolas da rede municipal de ensino.

Material e Métodos

Os estágios foram desenvolvidos nas escolas: Unidade Escolar Jorge Leopoldo, Unidade Escolar João José de Moura e Escola Tia Celeste, todas situadas na zona urbana da cidade de Picos-Piauí. O estágio aconteceu no turno da manhã, tendo como público-alvo alunos dos anos finais do ensino fundamental II, séries do 6º ao 9º ano.

As etapas de estágio realizadas nas escolas foram de observação, planejamento e regência, no período de outubro a dezembro de 2022. As aulas foram teóricas e práticas, realizando-se na sala de aula e na quadra/pátio das escolas. Para a realização das aulas, os materiais utilizados foram um pouco limitados, abrangendo apenas o básico: bola de futebol/vôlei, corda para pular, cones, data show e caixa de som. As atividades seguiram as normas da BNCC em conformidade com cada série escolar. Foram incluídas atividades do calendário escolar, como:

Passeio no trem da alegria, Encontro das Linguagens Artísticas, JEMP-Jogos Escolares Municipais de Picos e a I Maratoninha Escolar em alusão aos 132 anos de emancipação política.

Resultados e Discussão

O estágio III trouxe a experiência de lidar com um novo perfil de público, o adolescente. Havia receio por parte dos estagiários em não ser aceito por esses alunos, visto que jovens costumam por mais barreiras socioafetivas do que crianças. Mas tudo ocorreu bem e a interação foi satisfatória. Os resultados encontrados durante e após o estágio ficam bem evidentes, pois foi possível vivenciar de perto a realidade escolar e assim obter uma visão ampla e real da profissão escolhida. O estágio foi bastante proveitoso, pois, os alunos demonstraram um grande interesse e participação, o que facilitou o ensino.

Em relação à formação, a profissão de um professor se constrói tendo quatro pilares como base que são: os saberes da formação profissional, os saberes disciplinares, os saberes curriculares e os saberes experienciais que são construídos no decorrer do seu cotidiano (Scalabrin; Molinar, 2013). Com base nisso, o estágio proporcionou os educandos, a possibilidade de construírem os quatro pilares essenciais para uma boa e completa formação, através das vivências, experiências e planejamentos realizados e adquiridos durante o estágio. Com isso, pode-se ressaltar que os resultados obtidos foram positivos tanto para os educandos, quanto para os alunos, pois quando se ensina também se aprende.

As atividades desenvolvidas foram: passa o bambolê (Figura - 1), Jogo de dama (confecção) (Figura - 2), Voleibol com balões (Figura -3), socialização final de estágio (Figura - 4). Foram realizadas atividades fora do ambiente escolar como: I Maratoninha das escolas Municipais de Picos (Figura- 5) e JEMP-Jogos das Escolas Municipais de Picos (Figuras 6 e 7).

Figura 1: Jogos e brincadeiras populares



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Figura 2: Jogos de salão e confecção de damas.



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Figura 3: Jogos pré-desportivos- vôlei com balão



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Figura 4: Socialização no último dia de estágio



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Figura 5: I Maratoninha das Escolas Municipais de Picos



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Figura 6: JEMP- Jogos Escolares Municipais de Picos



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Figura 7: JEMP- Jogos Escolares Municipais de Picos



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Considerações Finais

Conclui-se que a disciplina de estágio supervisionado Educação Física ocupa um papel importante na formação da carreira profissional do indivíduo. A prática esportiva apresenta formas eficientes de interação social, o que é muito importante na adolescência, pois é nessa fase que o ser realiza a solidificação de sua personalidade. Também proporciona a aquisição e o aprimoramento das habilidades motoras e psicomotoras já adquiridas na infância. Ainda que as

escolas públicas apresentem deficiência em relação aos materiais, foi possível desenvolver um estágio eficiente.

Tendo em vista os aspectos observados, o conhecimento repassado, as práticas e teorias elaboradas foram bem executadas, estando contidas no seguimento de normas da BNCC. Todas as atividades realizadas tiveram o seu objetivo principal atingido, proporcionando um aprendizado divertido, instigante e fixado. As principais dificuldades foram encontradas no espaço físico das instituições e nos materiais disponíveis limitados, que tiveram que ser compensados com adaptação e criatividade. Desta maneira a disciplina de estágio supervisionado III foi uma experiência excelente, as fases de observação e regência foram devidamente concluídas.

Referências

- PEREIRA, S. G. P., MILAN, F. J., BOROWSKI, E. B. V., ALMEIDA, T. R. D., & FARIAS, G. O. Trajetória de estudantes na formação inicial em educação física: o estágio curricular supervisionado em foco. **Journal of Physical Education** (2019).
- SCALABRIN, I. C. MOLINAR, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**, Vol 7, n 1, 2013.
- SILVA, H. I.; GASPAR, M. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. 99, n. 251, p. 205-221, 2018.
- SILVA JÚNIOR, A. P. D., BISCONSI, C. R., FLORES, P. P., ANVERSA, A. L. B., SAMPAIO, A. A., & OLIVEIRA, A. A. B. D. Desdobramentos e possibilidades do estágio curricular supervisionado na formação inicial de docentes de educação física. **Actualidades Investigativas en Educación**, 21(2), 328-358.2021.

ABORDAGEM INICIAL DE ESPORTES DE INVASÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DO SEMIÁRIDO PIAUIENSE



*Francisco de Assis Santos Leal¹
Fabiana Barbosa Dantas²
Gislayne Araújo Luz²
Cristiano Tales de Abreu¹
Vanessa de Sá e Sousa²
Renata Louise Ferreira Lemos³*

RESUMO EXPANDIDO:

O presente trabalho se trata de um relato de experiência elaborado com base em uma atividade da disciplina de Prática pedagógica da Educação Física no Ensino fundamental. Realizou-se na Escola Municipal Francisco José de Araújo, Picos-PI no dia 23 de Novembro de 2022, no turno da tarde no horário das 13:00h às 13:50h. O público-alvo foram crianças entre 10 e 12 anos, de ambos os sexos, matriculados no ensino fundamental II. O presente estudo desenvolveu atividades de intervenção relacionadas a esportes de invasão como circuito, jogo da velha humano e o jogo dos cinco passes. Trabalharam-se as seguintes temáticas: esporte adaptado, desenvolvimento cognitivo e motor, principalmente de inclusão social nos jogos coletivos. Percebeu-se, portanto, que as atividades trabalhadas foram importantes no desenvolvimento de aprendizagens individuais e coletivas básicas para execução dos esportes.

Palavras-chave: Esportes de invasão; Recreação; Convenção didática.

¹Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

³Mestranda em Educação -UPE. Docente Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

Introdução

Sabe-se a importância do esporte na vida dos seres humanos, desde os primórdios, no qual as atividades de carácter desportivo já se mostravam presentes nas sociedades, quando o homem deixa de ser sedentário em pró da sobrevivência. Mas, não se sabe uma data precisa de que ano surge o esporte (Bernardes, Yamaji e Guedes, 2015).

A primeira expressão do esporte como modalidade oficial foi realizada nos Jogos de Olympia na Grécia, tendo como objetivo explorar as habilidades humanas por meio da maratona, luta livre, corrida de carroças, lançamento de disco e dardo. Logo depois surgem os torneios aristocratas que simulavam o combate real e eram bastante populares, significando um traço da

união da nobreza com as demais classes sociais, além disso, tinha a finalidade de treinar os cavaleiros (Nazario, 2012; Ferreira, 2019).

Com a criação do Comitê Olímpico Internacional, que tem por finalidade regulamentar várias modalidades de esporte, a integridade física dos atletas passa a ser visada e a partir daí ocorre uma globalização esportiva. Na Olimpíada moderna, surge a especialização e profissionalização dos esportes, além disso, cria-se centro de treinamento, técnicas esportivas, profissionais de saúde com foco na recuperação, e por fim, as pessoas passam a viver do esporte (Giglio; Rubio, 2017).

No Brasil, o esporte sempre esteve presente na sociedade, mas não estava presente no conteúdo das aulas de educação física, pois o mesmo tinha referência médica e seu objetivo era educação do corpo para a busca da saúde que possibilitava um corpo forte e higiênico. A educação física foi influenciada por militares, com a mesma finalidade de antigamente, formar soldados para possíveis guerras, com uma ideologia “de nacionalista e patriota”. Após o Estado Novo de Vargas, houve novas tendências surgiram para o desenvolvimento educacional brasileiro, onde o esporte passa a ser um forte integrante da Educação Física escolar, que foi implantado pelo “Método da Educação Física Desportiva Generalizada”, e teve influência cultural europeia (De Melo, 2018).

Desde então, a educação física transcende a ideologia de um instrumento de preparação do corpo para um processo mais completo na formação psico-motor-sócio-cultural. Atualmente tem grande importância no currículo educacional, pois é responsável pela formação do homem, contribuindo principalmente na integração social, ou seja, na cidadania (Santos *et al.*, 2006).

Diante do exposto, o presente trabalho teve por finalidade desenvolver projetos/atividades voltados para a comunidade, em especial a escola escolhida, devido ao impacto gerado pela pandemia nas crianças bem como em seu desempenho físico e motor, para a execução do projeto utilizou-se de brincadeiras lúdicas para abordar os esportes de invasão: o basquete, handebol e futebol, o público-alvo são crianças de 5º ano entre 10 a 12 anos de sexo feminino e masculino, sendo bastante relevante no atual cenário.

Material e Método

Para a realização da referida prática utilizou-se cones, bolas, bambolês, coletes e apito. As atividades desenvolvidas no projeto pedagógico foram pensadas para o desenvolvimento cognitivo, motor e social. Inicialmente, foi feita uma breve conversa com os alunos acerca dos assuntos que iriam ser abordados, sobre importância da Educação Física na vivência individual e coletiva, sobre as dinâmicas e seus objetivos, em seguida um alongamento dinâmico com o objetivo de evitar lesões durante as atividades.

Na primeira e segunda atividade, circuito e jogo da velha humano, respectivamente, os discentes deviam receber a bola e dominá-la, conduzir a mesma entre cones e obstáculos que estariam dispostos no espaço, procurando realizar mudança de direção e, em seguida, arremessar a meta que era um bambolê. Posteriormente, a turma foi dividida em duas equipes.

O primeiro aluno de cada coluna, ao som do apito, conduziu o colete ao local que estivesse disposto o jogo da velha, que pode ser feito com nove arcos. Ao chegar ao jogo da velha, o aluno deixaria o colete que representa a cor da sua equipe em uma casa do jogo da velha. A regra é a mesma da brincadeira original feita no papel. Ao final, a equipe que completou as linhas do jogo venceu.

A terceira atividade foi o jogo dos cinco passes. Os discentes utilizaram coletes para fazer a divisão das equipes e uma bola. Em seguida, os times foram formados com jogadores que terão de trocar passes entre si. Depois que os parceiros realizarem a troca de cinco passes, sem que os jogadores do time oponente toquem na bola, terão marcado um ponto. Por último, os alunos desenvolveram uma atividade cooperativa para a volta a calma: formação de um grande círculo com os alunos de mãos dadas com o bambolê entre os braços de dois alunos que terão de passar o bambolê sobre o corpo sem soltar as mãos.

Resultados e Discussão

Sabe-se da importância do esporte no ambiente escolar, principalmente quando utilizado como ferramenta metodológica de ensino, visto que, explorar o acervo cultural, promover o bem estar, a inclusão social e principalmente o desenvolvimento motor e cognitivo. O profissional de educação física deve explorar o esporte com a finalidade de que os alunos possam praticar além da escola, nesse sentido contribuindo para a saúde pública, logo que, é notório o crescente do índice de obesidade e sobrepeso na população em geral (Cidade e Freitas, 2012).

O objetivo do presente trabalho foi inferir a importância do esporte no ambiente escolar, e ao que foi observado, obteve-se resultados exitosos. No aspecto cognitivo, os alunos foram muitos bons, pois não tiveram problemas em entender as dinâmicas, além disso, demonstraram ter interesse por as atividades propostas e por esportes, e relataram que: “*Na semana passada participamos de uma competição esportiva da rede municipal, e nossa equipe equipes ficou em segundo lugar na competição da mata*”.

Já com relação ao desenvolvimento motor, pôde-se ter uma análise bem significativa, visto que, boa parte das crianças desenvolveram as brincadeiras com muita habilidade, ou seja, fizeram as atividades com muita precisão, com rapidez e agilidade. Tiveram alguns que não tiveram essas habilidades, mas não foi muito abaixo do esperado. Nesse contexto, de acordo com a Ampulhetá

de Gallahue (2002) os alunos estão na fase de especialização e entre o estágio de transitório e de aplicação.

Na perspectiva de inclusão social, em primeiro momento, todos aceitaram participar, ao dar-se início a prática, alguns alunos recusaram se envolver, mas com insistência e paciência, os mesmos vieram a desenvolver as dinâmicas. Uma curiosidade foi que “os participantes especiais” foram os que mais participaram, envolviam-se e demonstravam a maior satisfação em participar.

A inclusão, como um processo social amplo, vem acontecendo em todo o mundo, fato que vem se efetivando a partir da década de 50. A inclusão é a modificação da sociedade como pré-requisito para que a pessoa com necessidades especiais possa buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania com dignidade, é considerado, um processo amplo, com transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com necessidades especiais (Sassaki, 1997).

Em relação aos docentes, tem como resultado uma boa experiência, logo que, na teoria tudo é mais fácil e muito diferente que a prática. Esses momentos são muitos importantes, porque são os primeiros contatos com a sala de aula mesmo por pouco tempo, além disso, o contato com os alunos, as dificuldades que são encontradas em salas de aulas e os relatos, tudo isso serviu para aprimorar os conhecimentos.

Figura 1: Atividade pré-desportiva para esportes de invasão



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 2: Jogo da velha humano



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 3: Alunos realizando o jogo dos cinco passes



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 4: Alunos realizando a volta à calma.



Fonte: Autoria própria (2023)

Considerações Finais

Tal experiência foi bastante enriquecedora, visto que é uma prática importante para os discentes em processo de formação, pois norteia o universo escolar, e lhes faz encarar as dificuldades, bem como solucionar os problemas. Essas atividades proporcionaram aos alunos saírem da sua zona de conforto e vivenciarem as atividades básicas, cessando a fase de alunos passivos. A prática pedagógica proporcionou um aprendizado acerca dos esportes de invasão, mesmo estando as atividades restritas por conta do espaço, pois muitas escolas da rede pública ainda não dispõem de um local adequado para a realização das aulas, além da ausência de materiais, entre outros.

Como limitação deste estudo pode-se citar: as dificuldades dos acadêmicos perante aos alunos de diversas personalidades e realidades, a escassez de recursos na escola, e o horário disponibilizado para a prática pela Unidade Escolar. Sugere-se assim, para projetos futuros, um maior tempo de prática, e ainda que sejam trabalhadas as atividades levando-se em consideração a individualidade biológica, ressaltando-se a importância da socialização e interação nessa fase de desenvolvimento.

Referências

BERNARDES, A. G.; YAMAJI, B. H. S.; GUEDES, D. P. Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. **Motricidade**, v. 11, n. 2, p. 163-173, 2015.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Educação física e inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola**. Revista integração, v. 14, p. 27-30, 2002.

DE LIMA, M. A.; MARTINS, C. J.; CAPRARO, A. M. Olimpíadas modernas: a história de uma tradição inventada. **Pensar a prática**, v. 12, n. 1, 2009.

DE MELO, V. A. **Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Autores Associados, 2018.

DOS SANTOS, E. S. Esporte de invasão: inovações para o ensino do Futsal no ensino fundamental. Tese. **Repositório da UFMT**, 2020.

GALLAHUE, D. L. A classificação das habilidades de movimento: um caso para modelos multidimensionais. **Revista da educação física**, v. 13, n. 2, p. 105-111, 2002.

GIGLIO, S. S.; RUBIO, K. A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, n. 1, p. 291-305, 2017.

MELLO, A. da S. *et al.* Educação Física na educação infantil: produção de saberes no cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, p. 467-484, 2014.

NAZARIO, L. O discurso ideológico de Olympia. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 22, n. 2, p. 137-149, 2012.

LETRAS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA 5^a, 6^a E 7^a ETAPAS DA EJA



Eleonaria Holanda Santos¹
Jocilady Maria da Silva Clementino¹
Maria Natalice de Sousa Rocha¹
Maria do Carmo Martins Lopes²

RESUMO SIMPLES:

O presente trabalho tem como foco analisar a importância do estágio supervisionado na formação do graduando de língua portuguesa. Partindo das experiências vivenciadas na disciplina de Estágio Supervisionado, em turmas de EJA, com base nas observações realizadas nas etapas 5^a, 6^a e 7^a (8º e 9º anos do ensino fundamental II), (1º, 2º e 3º anos do ensino médio), na Unidade Escolar Coelho Rodrigues, Unidade Escolar Geraldino Clévis e Unidade Escolar Helvídio Nunes. A prática do estágio é essencial para a formação do discente, pois nos sonda com aprendizado e convivência nesse relacionamento de aluno e professor, nos ampliam também na metodologia de ensino, formação crítica, ensino e comportamento no âmbito escolar. Sendo assim, neste trabalho, será abordado como foi a experiência de cada graduanda no ambiente escolar, sendo de fato protagonista; serão abordadas também as atividades de observação, da participação e da regência. A exposição usada através de slides, que mostrarão um pouco dessas experiências ao longo do estágio, o conteúdo que foi ensinado e trabalhado conforme orientação da professora titular; como também, o ambiente da escola. Dessa maneira, serão apresentados os trabalhos que foram feitos desde a observação até a regência, todas as dificuldades que foram encontradas nesse período, o déficit escolar e dos alunos. Pudemos constatar que a prática do estágio contribuiu para que as estagiárias desenvolvessem a qualidade de ensino, o compartilhamento de conhecimento, além de vivenciar esse campo de trabalho.

Palavras-chaves: Escola; Estágio; Alunos.

¹Graduanda do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Especialista em Língua Portuguesa pela UESPI e Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM TORNO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III



*Matheus Leal Barroso¹
Maria do Carmo Martins Lopes²*

RESUMO SIMPLES:

O presente resumo discorre acerca das experiências vivenciadas durante as aulas de Português ministradas nas turmas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, no período do Estágio Supervisionado III, do Curso de Letras / Português, da Universidade Estadual da Piauí, coordenado pela professora Maria do Carmo Martins Lopes e orientado pelo professor da Unidade Escolar São Jose José Xavier da silva. O resumo aborda ainda o ensino de língua portuguesa, trazendo para o seu corpus uma descrição das aulas ministradas no ensino Médio.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Saberes Docentes; Ensino Médio.

¹Graduando do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Especialista em Língua Portuguesa pela UESPI e Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

Introdução

“Todo conhecimento começa com o sonho. O sonho nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina, brota das profundezas do corpo, como a alegria brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então lhe dizer uma coisa: contem-me os seus sonhos para que sonhemos juntos” (Alves, 1994).

O referido estudo discorre acerca do Estágio Supervisionado III, realizado na Unidade Escolar São José, situada na Rua projetada Bairro COHAB, Aroeiras do Itaim – PI. Ocasião em que se observou o processo de ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa em três turmas de ensino médio.

O Estágio supervisionado é uma exigência da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 nos cursos de formação de docentes. Sendo esta uma atividade que proporciona aos graduandos experiência profissional, que é de suma importância para sua entrada no mercado de trabalho. Como parte obrigatória do currículo dos alunos dos cursos de Licenciatura, devendo cumprir uma carga horária pré-estabelecida pela instituição de Ensino.

Para Freitas:

“Espera-se que os profissionais hoje, além de estimulados e bem preparados sejam atualizados e conscientes de que sua formação é permanente. Sendo assim, é preciso extrapolar a formação tradicional dos professores que se concentra em prepará-los no domínio dos conteúdos, das técnicas e estratégias de ensino. A formação atual prevê um profissional reflexivo, crítico envolvido em sua formação [...]” (Freitas, 2004, p. 35).

Com isso, para o estagiário ser supervisionado por um docente o torna um treinamento, ou seja, um método de se profissionalizar de uma forma dinâmica e interativa. Com a qual o estagiário põe em prática os ensinamentos adquiridos dentro da Universidade, proporcionando através do estagio uma ferramenta que venha a fazer diferença na educação brasileira. A prática levará o professor à consciência e responsabilidade da bagagem cultural, social e cognitiva dos alunos.

É durante o estágio que o graduando passa a vivenciar as experiências da regência um método atribuído aos cursos de licenciatura para a preparação e formação do aluno-professor a uma breve visão da realidade escolar. Desta forma o presente apontamento tem como objetivo proporcionar o entrelaçamento entre teoria e prática ao cotidiano dos educandos, promovendo assim, a vivência no âmbito escolar tem-se um ensino voltado às questões sociais e, por conseguinte, mais eficaz.

Nesse contexto afirmamos que, além do que foi dito acima, nos desafia a encarar essa realidade com perspectivas de mudanças. Esse processo de formação e preparação na vida acadêmica do aluno é um momento único, pois este é um caminho que nos leva a conhecer a verdadeira realidade e identidade do professor e a sua significação na vida do aluno, em sua prática real e profissional.

Material e Métodos

Partiremos do pressuposto que o ensino de língua materna no Brasil tem se configurado em uma prática cansativa, a qual destoa, tendo como único objetivo o estudo das normas da gramática tradicional, desvinculando assim o real objetivo de formar “[...] transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (Freire, 1998, p. 33).

Dessa forma é preciso que escola, professor e aluno estejam em sintonia entre o que se ensina e o que se aprende, seguindo algumas bases encontradas nos documentos oficiais que regem o ensino no Brasil: os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio – PCNEM (2000), os PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais do Ensino Médio (2002), as Orientações Curriculares do Ensino Médio – OCEM (2006), Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2017) e alguns aportes teóricos como Dolz e Scheneuwly (2004), Freire (1998) que preceituam por mudanças nas aulas de português.

Partindo dos documentos oficiais e autores citados, as aulas de literatura e gramática ganham um novo contexto, visto que a língua portuguesa é a matéria prima de todas as subáreas inclusive para a constituição do texto literário, pois além de ter a função de ensinar a ler e a escrever, ajuda na formação social e cultural do sujeito.

[...] a percepção que tal discussão, acima exposta, não chegou às escolas, mantendo-se atenção extrema ao tratamento de conteúdos sem articulação com o contexto do estudante e com os demais componentes das áreas de conhecimento e sem aproximar-se das finalidades propostas para a etapa de ensino, constantes na LDB (BRASIL, 2013, p. 156).

Entende-se, portanto, que estes documentos defendem a ideia de que as propostas pedagógicas devem ser orientadas por competências básicas, conteúdos e métodos previstos pelas finalidades desta etapa formativa, seguindo os princípios identitários, autônomos, interdisciplinares, da diversidade e contextualização. Dessa forma, tais aplicações têm a princípio o caráter formador do aluno enquanto conhecedor da língua e sua utilização.

Partindo destes pressupostos e documentos oficiais, os planos de aulas foram preparados pensando em contextualizar o aluno aos fatores sociais e culturais por ele vivenciados. O quadro a seguir apresenta algumas das aulas ministradas nas turmas de 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, durante o estágio.

Quadro 1: Conteúdos aplicados no 1º ano do ensino médio

Conteúdos de gramática	Gênero textual tirinha e a linguagem verbal e não verbal , descrevendo as características da “tirinha” e o que são textos verbais e não verbais.
Conteúdos de literatura	Literatura Realista Brasileira , como algumas características e autores realistas.
Interpretação textual	Interpretando a crônica: O Socorro de Millor Fernandes .

Fonte: Própria do autor

Quadro 2: Conteúdos aplicados no 2º ano do ensino médio

Conteúdos de gramática	O uso dos porquês , nestas aulas foi ensinado como se utiliza e sua função nas frases.
Conteúdos de literatura	A representação feminina na escrita literária de Machado de Assis .
Interpretação textual	Leitura e interpretação textual da crônica Mineirinho de Clarice Lispector .

Fonte: Própria do autor

Quadro 3: Conteúdos aplicados no 3º ano do ensino médio

Conteúdos de gramática	Revisando as classes gramaticais.
Conteúdos de literatura	Fazer Literário , escrevendo poesias e contos. Literatura modernista , como algumas características e autores realistas. .
Interpretação textual e redação	Exposições O Pequeno Príncipe , uma nova compreensão de mundo. Trabalhando a redação: Meio Ambiente a importância da preservação da Caatinga.

Fonte: Própria do autor

Quanto à metodologia utilizada, trata-se de um relato de experiência, em parte, visto que relata acerca das aulas ministradas durante o Estágio Supervisionado III, realizado no ensino médio, fazendo uma descrição das aulas de língua portuguesa. É também qualificada como uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista que a necessidade de buscar em autores e documentos oficiais que são referências nos estudos da linguagem para que se adquira mais familiaridade com o tema abordado.

Resultados e Discussão

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...” (Alves, 1994).

A observação é um momento importante de análise metodológica e conhecimento do campo de estágio. Os principais objetivos são conhecer as regras que regem as aulas, bem como a dinâmica entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem de língua materna. Este relato refere-se

às observações realizadas durante as aulas ministradas pelo professor titular das turmas da 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.

Durante as observações, notou-se que o professor titular mostrou bastante empenho em suas atividades e empatia com os alunos, respeitando suas especificidades e especialidades. Demonstrou também grande conhecimento em suas áreas de formação, o que lhe facilitou o trabalho com língua portuguesa e literatura.

A regência aconteceu entre os meses agosto e outubro de 2022, momento em que foram ministradas aulas de gramática, literatura e redação no ensino médio, seguindo um cronograma para as aulas através de um plano de aula mensal onde estão alinhados os conteúdos, já constituídos, esquemas de aulas nas segundas, terças e quartas-feiras, no período vespertino.

Considerações finais

O estágio supervisionado é de suma importância para todos os cursos de graduação, mas em especial para os cursos de formação de professor conforme Scalabrin e Molinari (2013) o estágio é uma oportunidade de o discente colocar em prática os aprendizados e as novas metodologias aprendidas no curso de graduação, as novas perspectivas de ensino e as dificuldades da sala de aula, além da aplicabilidade fazer reflexões a cerca das teorias.

É no chão da escola que os alunos de graduação têm a oportunidade de pôr em prática seus conhecimentos e testá-los, como também adquirir novos conhecimentos, porque nenhuma teoria valerá para alguma coisa se não tiver aplicabilidade.

Dessa forma, deve-se ater a despertar no educando a consciência de que ele não está pronto, aguçando nele o desejo de se complementar, capacitá-lo ao exercício de uma consciência crítica de si mesmo, do outro e do mundo, como dizia Paulo Freire. Foi isso se buscou a cada momento no estágio e que se levara a futura vida profissional.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC,SEB, DICEI, 2013

BRASIL. MEC. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Volume 1 – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, Secretaria da Educação Básica, 2006.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais (ensino médio): Parte II – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2002.

DOLZ, J. NOVERRAZ, M. SCHENEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, Roxane. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A.M. C. **A importância da prática do Estágio Supervisionado nas licenciaturas**. UNAR – Revista Científica do Centro Universitário de Araras “Dr. Edmundo Ulson”, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://revistaunar.com.br/cientifica/volumes-publicados/volume-7-no1-2013>>. Acesso em: 15 de março 2023.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA EM DIÁLOGO COM AS NOVAS TECNOLOGIAS



Lara Oliveira Pereira¹
Laura Lopes Rodrigues¹
Maria Bárbara de Araújo Santos¹
Maria Regina de Andrade Cruz¹
Mayara Francisca Oliveira da Silva¹
Talita Barros²

RESUMO SIMPLES:

O presente trabalho trata-se de um relatório de estágio o qual tem como objetivo descrever e analisar a prática de ensino adotada em sala de aula, considerando as novas tecnologias utilizadas pelos professores de Língua Portuguesa e das demais áreas de conhecimento no Ensino Médio, da Unidade Escolar Normal Oficial de Picos. Todos os professores fazem uso do livro didático, quadro e de material impresso. Todavia, nem todos utilizam recursos digitais porque alguns ficaram acomodados ao ensino tradicional. É conspícuo que o uso de novas tecnologias em sala de aula possui vantagens e desvantagens, pois universaliza o acesso à informação, dinamiza as aulas, além de ser possível utilizar um recurso que é consumido de maneira excessiva com fins educativos. Na maioria das vezes, há um melhor aproveitamento dos conteúdos quando se tem uso de ferramentas tecnológicas ao contrário da forma tradicional. Além de envolver mais os alunos, as atividades virtuais podem ser positivas, levando em conta a pesquisa, a comunicação e produção. A partir do estágio de observação, concluímos que os alunos merecem atividades inovadoras e produtivas, assim como os professores precisam entender que é necessário uma pesquisa e formação continuada, com o desenvolvimento de novas tecnologias e uso de metodologias ativas, para que eles fiquem de acordo com o avanço da sociedade, e não se atrasem no tempo. Portanto, podemos afirmar que o tempo de análise foi importante para a nossa formação, uma vez que nos trouxe uma visão de como o ensino nas escolas está sendo redigido, do que poderia melhorar nas nossas aulas futuramente para nos tornarmos excelentes profissionais da educação, atentando-nos ao uso de meios tecnológicos.

Palavras-chave: Professores; Alunos; Tecnologias.

¹Graduanda do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Especialista em Língua Portuguesa pela UESPI e Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS – IV E V ETAPAS DA EJA



*Alice Correa da Silva¹
Leticia de Moura Silva¹
Maria do Carmo Martins Lopes²*

RESUMO SIMPLES:

Este trabalho tem como objetivo relatar experiências vivenciadas no estágio supervisionado, requisito obrigatório para a formação acadêmica do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, realizado na Unidade Escolar Miguel Lidiano, Picos - PI, nas etapas IV e V e na Escola Municipal Francisco Barbosa de Moura, Picos-PI, nas etapas IV e V da EJA. Perfezendo 60 horas de observação e regência. A prática do estágio é de suma relevância para os alunos do curso de licenciatura, pois traz como aprendizado a convivência no ambiente escolar, metodologia de ensino, formação crítica do aprendizado, práticas de ações pedagógicas, que prepara o discente para o seu futuro campo de trabalho. Será abordada também a experiência da interação entre alunos e professores nas escolas, visto que a maior interatividade é primordial no que se refere ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem, levando em consideração que a EJA sempre foi destinada aos “ubalternizados da sociedade”, ou seja, à classe trabalhadora e excluída da sociedade letrada. Como metodologia, será feita uma exposição utilizando slides que mostrarão um pouco das experiências ao longo do estágio, os conteúdos trabalhados, os aspectos físicos e administrativos das escolas e algumas características da clientela. Portanto, serão apresentados como dados obtidos, os trabalhos que foram feitos desde a observação até a prática, os resultados das avaliações dos alunos, as dificuldades encontradas ao longo do caminho, o déficit de frequência dos alunos e os desafios do professor na EJA, as oportunidades e experiências marcantes, que vão da teoria à prática. Além de exercitar o papel docente com jovens e adultos, por meio de práticas que se aperfeiçoam a cada nova experiência.

Palavras-chave: Escola; Estágio; EJA.

¹Graduanda do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

²Especialista em Língua Portuguesa pela UESPI e Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS – VI E VII ETAPAS DA EJA



*Ivonete Dantas da Silva¹
Marciana de Sousa Gonçalves¹
Suelaine dos Santos Moura¹
Maria do Carmo Martins Lopes²*

RESUMO SIMPLES:

Este trabalho tem como objetivo relatar experiências vivenciadas no estágio supervisionado, requisito obrigatório para a formação acadêmica do Curso de Letras – Português, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, realizado na Unidade Escolar Dr. João Carvalho, Dom Expedito Lopes - PI, nas etapas VI e VII da EJA, perfazendo 60 horas de observação e regência. A prática do estágio é de suma relevância para os alunos do curso de licenciatura, pois traz como aprendizado, convivência no ambiente escolar, metodologias de ensino, formação crítica do aprendizado, práticas de ações pedagógicas, que preparam o discente para o seu futuro campo profissional. Portanto, neste trabalho, também serão exploradas experiências de interação com alunos e professores nas escolas, visto que a interação social é primordial no que se refere ao desenvolvimento e construção do conhecimento, especialmente na EJA cuja clientela é formada por sujeitos oriundos de uma realidade social e culturalmente desprestigiada, excluída da sociedade letrada, que retornam à escola buscando acolhimento e inclusão. Será feita uma exposição utilizando slides que mostrarão um pouco das experiências ao longo do estágio, como os conteúdos que foram ministrados, o espaço de significação da escola e os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, serão apresentados os dados obtidos, os trabalhos que foram feitos desde a observação até a regência, os resultados do aprendizado dos alunos, os desafios dos professores da EJA e o auxílio da escola ao longo do caminho. Desse modo, pudemos constatar que o estágio foi desafiador e que oportunizou experiências marcantes, especificamente para o futuro exercício da docência.

Palavras-chave: Ensino de EJA; Estágio; Alunos.

¹Graduanda do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Especialista em Língua Portuguesa pela UESPI e Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I



Maria Gabriela Alves dos Santos¹
Sarah Williany Santos Pereira¹
Maria do Carmo Martins Lopes²

RESUMO SIMPLES:

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências do Estágio Supervisionado I, do curso de Licenciatura Plena em Letras/Português (UESPI), ocorrido na Unidade Escolar Coronel Francisco Santos, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas turmas de 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II, e nas turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, divididas entre as duas alunas para que pudessem executar o seu estágio de maneira individual. Serão expostas à reflexão, por meio de apresentação oral e o uso de slides, a vivência em sala de aula, as práticas de ensino aplicadas diante das necessidades e realidade dos alunos, além das dificuldades e ausências enfrentadas no ambiente escolar. Assim, serão compartilhadas práticas e experiências dos discentes universitários com a observação participante, compartilhando as circunstâncias conducentes no processo de ensino do professor, bem como de aprendizagem dos alunos da escola, por meio da observação ativa dos problemas envolvidos nessa prática e identificados, com o fito de se pensarem atividades, juntos ao professor da disciplina, que facultassem formas mais exitosas de ensino do conteúdo programático. Durante a permanência na escola, foram identificadas as ocasiões em que esse ensino ocorria, assim como os interesses dos alunos neste processo.

Palavras-chave: Ensino; aprendizagem; EJA; Estágio.

¹Graduanda do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Especialista em Língua Portuguesa pela UESPI e Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: UM RELATO SOBRE A VIVÊNCIA PEDAGÓGICA E OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EJA



Josevan de Sousa Marques¹
Paulo Guilherme Sales Sousa¹
Maria do Carmo Martins Lopes²

RESUMO SIMPLES:

O presente trabalho traz uma abordagem acerca da vivência pedagógica e dos desafios docentes do Estágio Supervisionado I, disciplina do Curso de Letras/Português, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo (Picos-PI), realizado na EJA - Educação de Jovens e Adultos, nas turmas da IV e V etapas, do Ginásio Municipal Professor Antônio de Barros Araújo, situado na cidade de Sussuapara-PI, e na turma da V etapa, da Unidade Escolar Franco Rodrigues, em Francisco Santos-PI, tendo como objetivo relatar as experiências vivenciadas na sala de aula, debater as práticas pedagógicas e os conteúdos estudados. Como também, apresentar considerações sobre a prática docente para a EJA, já que se trata de um público específico, composto por alunos diversos que já possuem um conhecimento prévio adquirido através de suas experiências de vida. O Estágio foi vivenciado em três momentos: a observação, momento em que conhecemos a estrutura e as normas de funcionamento da escola, a realidade dos alunos, a interação professor-aluno dentro da sala de aula e as práticas pedagógicas do professor titular; o planejamento, momento em que orientado pelo professor titular, selecionamos os conteúdos a serem ministrados e as metodologias a serem trabalhadas nas aulas, como também elaboramos as atividades participativas e avaliativas; e a regência, momento em que assumimos o trabalho docente na sala de aula, onde vivenciamos na prática a condução do processo de ensino-aprendizagem por nós planejado. O Estágio Supervisionado é de fundamental importância na formação docente, pois possibilita ao licenciando vivenciar e refletir suas práticas pedagógicas em busca de aprender a ser um profissional docente melhor.

Palavras-chave: EJA; Estágio Supervisionado I; desafios docentes; vivência pedagógica.

¹Graduando do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Especialista em Língua Portuguesa pela UESPI e Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA



Vanessa da Costa Oliveira¹
Maria do Carmo Martins Lopes²

RESUMO SIMPLES:

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a importância do estágio supervisionado na EJA (Educação de Jovens e Adultos) para a formação de futuros professores de língua portuguesa; como também apresentar as atividades realizadas durante o estágio, na Unidade Escolar Professora Alayne Rodrigues, situada na cidade de Itainópolis-PI. Na qual tivemos oportunidade de aprofundar nossos conhecimentos para a prática docente com o período de observação e de regência, que foi significativo para a nossa formação, pois somente com essa convivência foi possível conhecer o ambiente de uma escola de EJA. Serão apresentadas as experiências vivenciadas durante o estágio, dentre elas, o ambiente da sala de aula, a realidade dos alunos, a pequena frequência de alunos, e as dificuldades encontradas por todos os sujeitos que compõem a escola. É imprescindível destacar que essa experiência estimula refletir o contexto da EJA, por se constituir num instrumento de inclusão social, já que sua clientela é uma fração da sociedade que não pode ter acesso à escola na idade própria, além disso, são sujeitos com características muito heterogêneas, mas carregando em comum, muitas histórias, construídas em uma realidade social e culturalmente desprestigiada, por isso carecem sentir-se bem acolhidos e compreendidos na escola. Por fim, é importante ressaltar que o período de estágio é de fundamental importância para a formação na docência, tendo em vista que é uma oportunidade de conhecer a realidade do futuro campo de trabalho do graduando em Letras.

Palavras-chave: EJA; formação de professores; estágio.

¹Graduanda do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

²Especialista em Língua Portuguesa pela UESPI e Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Professor Barros Araújo*, Picos, Brasil.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA: DIÁLOGO COM NOVAS METODOLOGIAS



Camila Andrade de Sousa¹
Lizandra Cortez Martins¹
Talita Barros²

RESUMO SIMPLES:

O presente trabalho trata-se de um relatório de estágio que tem como objetivo descrever e analisar a prática de ensino adotada em sala de aula, considerando as novas tecnologias utilizadas pelos professores de Língua Portuguesa e das demais áreas de conhecimento no Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Francisco Moura de Santa Cruz do Piauí e no Ensino Médio, do Centro Estadual de Educação Profissional Santo Antônio de Valença do Piauí. Foi disponibilizado para todos os professores um questionário para análise e observou-se que tanto os professores da Escola A, quanto os da B, utilizam os recursos como notebook, Data Show e celular. Na Escola A, os professores não recebem um treinamento para o seu desenvolvimento, já na Escola B os professores recebem treinamento, mas de forma mais básica. Os recursos da Escola A são escassos, quanto a Escola B existem os recursos, mas ainda há uma certa carência pela minoria deles. Tanto os professores da escola A e B consideram o uso de tecnologias satisfatório para o aprendizado, e, além disso, apresentaram pontos negativos e positivos do uso das tecnologias e se mostraram unidos quanto ao que elas podem contribuir. Diante deste estágio, percebeu-se que os professores ainda enfrentam muitos desafios perante a sua docência, e principalmente com o uso de tecnologias, pois muitos vêm de ensinos tradicionais, o que tornou difícil a inclusão deles nesse meio tecnológico. Portanto, devemos compreender de que ao adentramos em sala de aula, estamos a nos deparar com realidades diferentes e isso será um enorme desafio. Diante disso é mister que possamos ser professores com um olhar amplo e jamais desanimarmos perante os tamanhos desafios. Mas, que perante isso sempre procurarmos levar a inovação para as salas de aula até com o uso de tecnologia.

Palavras-chave: Professores; Alunos; Tecnologias.

¹Graduando do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

²Especialista em Língua Portuguesa pela UESPI e Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos, Brasil.

